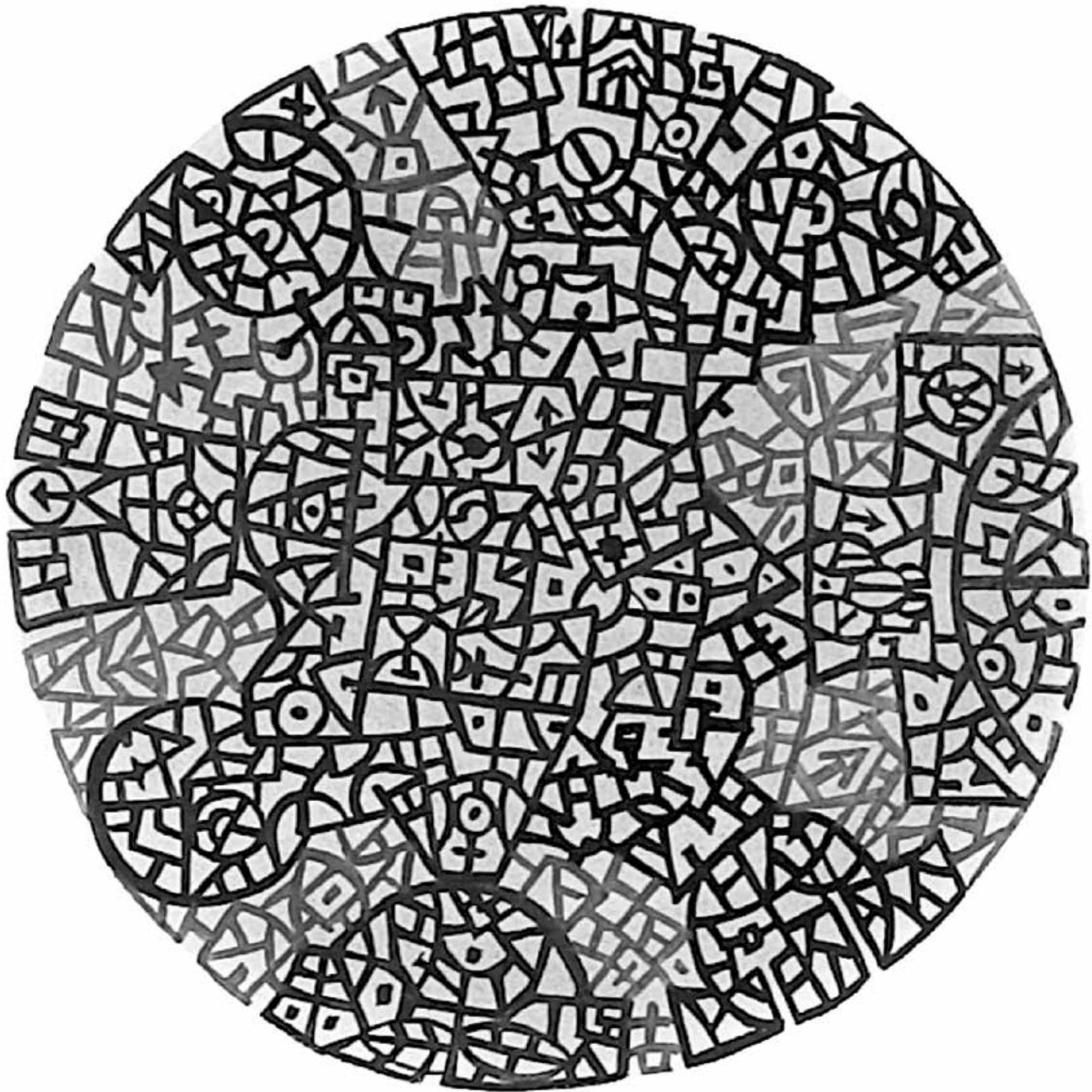


Belo Horizonte, Janeiro/Fevereiro 2015
Edição nº 1.358
Secretaria de Estado de Cultura

SUPLEMENTO



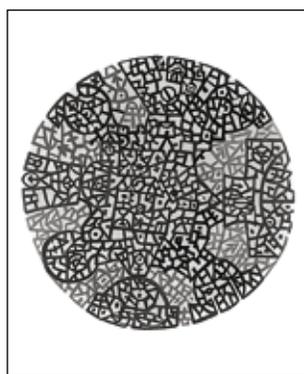
Cinquenta anos depois de estrear em livro com os poemas de *Rubro Apocalíptico* e às vésperas de tomar posse na cadeira nº 28 da Academia Mineira de Letras, o poeta, crítico e artista plástico Márcio Sampaio presta ao **Suplemento Literário de Minas Gerais**, que em 1966 o teve como integrante de sua primeira equipe de redação, um depoimento sobre sua vida e obra, lembrando o caminho que vem percorrendo na arte nacional. Uma carta em forma de desenho, destinada à sua mulher Eliana Rangel — que também foi ilustradora do SLMG —, está estampada na capa.

Outro importante intelectual mineiro, o crítico Sábato Magaldi, teve sua colaboração à dramaturgia reunida no recém-publicado livro *Amor ao Teatro*. Foi a propósito desse importante lançamento, desde já indispensável repositório de informações para estudiosos ou simples amantes do teatro, que o **Suplemento Literário de Minas Gerais** pediu uma palavra a Jota Dangelo, mineiro como seu mestre Sábato Magaldi, e também ele conhecida e reconhecida autoridade em artes cênicas.

Esta edição presta ainda, com apresentação e tradução de Ana Caetano, homenagem ao músico e poeta canadense Leonard Cohen por seus 80 anos de vida recém completados, durante os quais consagrou-se como um dos artistas mais notáveis de nossa época. A literatura estrangeira também está aqui representada pelos poemas de Prisca Agustoni, suíça hoje radicado na mineira Juiz de Fora, pelo versos desaforados de Charles Bukowski, do chileno Jorge Edwards, resenhado por Edgard Pereira, e pelo moçambicano Luís Bernardo Honwana, através de um ensaio dos professores Ricardo Iannace e José Nicolau Gregorin Filho.

E, voltando à literatura mineira, temos os contos de Carlos Roberto Pellegrino, Lucienne Samôr e André Nigri, e os poemas de Geraldo Maranhão e de Simone Andrade Neves, mais uma representante da atual boa safra de poetas mineiras.

SUPLEMENTO



Capa: Márcio Sampaio
Carta para Eliana Rangel



Apoio Institucional:

O SUPLEMENTO é
impresso nas oficinas da
Imprensa Oficial do Estado
de Minas Gerais

Governador do Estado de Minas Gerais Fernando Damata Pimentel
Secretário Estadual de Cultura Angelo Oswaldo de Araújo Santos
Diretor-geral da Imprensa Oficial de Minas Gerais Eugênio Ferraz
Superintendente de Bibliotecas Públicas e Suplemento Literário Lucas Guimaraens
Diretor Jaime Prado Gouvêa
Coordenador de Apoio Técnico Marcelo Miranda
Coordenador de Promoção e Articulação Literária João Pombo Barile
Projeto Gráfico Plínio Fernandes
Escritório de Design Gíria Design e Comunicação
Diagramação Carolina Lentz - Gíria Design e Comunicação
Conselho Editorial Humberto Werneck, Sebastião Nunes, Eneida Maria de Souza, Carlos Wolney Soares, Fabrício Marques
Equipe de Apoio Elizabeth Neves, Aparecida Barbosa, Ana Maria Leite Pereira, André Luiz Martins dos Santos
Jornalista Responsável Marcelo Miranda – JP 66716 MG

Textos assinados são de responsabilidade dos autores
Acesse o Suplemento online: www.cultura.mg.gov.br

Suplemento Literário de Minas Gerais
Av. João Pinheiro, 342 – Anexo – CEP: 30130-180
Belo Horizonte, MG – Telefax: 31 3269 1143
suplemento@cultura.mg.gov.br



A declaração de bens de Márcio Sampaio

DEPOIMENTO A JOÃO POMBO BARILE

Jornalista, poeta, artista plástico e crítico de artes plásticas, Márcio Sampaio é um dos nomes mais importantes da chamada Geração Suplemento. Convidado por Murilo Rubião para fazer parte da redação inicial do jornal fundado pelo contista em setembro de 1966, sua história se confunde um pouco com a história do SLMG.

“Havia, sobretudo, liberdade, a efervescência da juventude, com energia e bom humor, uma disponibilidade extraordinária para o debate de toda ordem, uma certa irreverência saudável que jogava farpas sobre o academismo, mas que mantinha a camaradagem e a reverência a escritores como Emílio Moura, Bueno de Rivera e Affonso Ávila, que se mostravam tão jovens quanto os que naquele momento surgiam e se afirmavam”, recorda Márcio quase meio século depois, quando assumiu, em março de 2015, a cadeira nº 28 da Academia Mineira de Letras.

1º tempo: infância

(Santa Maria de Itabira)

A FAMÍLIA

Nasci no dia 6 de janeiro de 1941, em Santa Maria de Itabira, MG. Sou o sexto de uma família de dez filhos.

No quadro de minhas mais remotas lembranças, surgem as imagens da família dentro da paisagem exígua da pequena cidade, confundindo-se com figuras de personagens fantásticas mas reais: artistas de teatro, mágico, músicos e cantores. E os rituais religiosos, a exaltação do céu e o terror do inferno, misturados na celebração oficiada pelo velho padre Viparelli, na igreja cheia de sombras e mistérios que exorcizávamos com a música em italiano que o pároco, ao órgão, nos ensinava.

Por vezes, à tarde, nossa família se reunia na sala de visitas; meu pai com a clarineta fazia introdução sentida, para que minha mãe, com sua voz suave, iniciasse uma canção. Minhas irmãs, meu irmão e eu entrávamos na cantoria, entregando-nos ao deleite das modinhas e valsas.

Meu pai, pedagogo por vocação, dirigia o grupo escolar com competência e conhecimentos adquiridos com Helena Antipoff, cujos métodos ele adaptou para a realidade da pequena cidade que era Santa Maria de Itabira e às suas próprias convicções político/sociais. Batalhava a própria sobrevivência nos tempos mais que difíceis para um simples professor primário. Com família numerosa, tinha de trabalhar também na fazenda do seu pai, e ainda mantinha vacas, galinhas e horta no pasto/quintal de nossa casa, com o que diminuía as despesas com alimentos que minha mãe preparava com cuidados e prazer.

HISTÓRIAS DE HORROR

Uma das mais fascinantes figuras que povoaram minha infância foi o “Capilé Gelado”, um homenzinho misterioso, andarilho, que todo ano chegava à cidade com sua carroça, vendendo seus refrescos que ele afirmava serem poções mágicas, com as mais diversas aplicações terapêuticas. À noitinha, o velho reunia a meninada ao redor da fogueira para contar suas histórias. Com isso, meu repertório mitológico ampliava-se somando-se àquele de caráter religioso projetado pelas lições terríveis do catecismo. As histórias se sucediam em ritmo lento, mas intenso, e, terminada uma história, exigíamos outra, ao que Capilé prazerosamente atendia. E quanto mais se entrava no fundo da noite, mais aterrorizantes eram os contos.

PALAVRAS CRUZADAS, CARTA ENIGMÁTICA

Todo fim de ano chegavam os almanaques Capivarol, com palavras cruzadas, anedotas, curiosidades e cartas enigmáticas. Com meus preciosos lápis de cor, ia preenchendo os quadrinhos das palavras cruzadas, criando padrões e ritmos cromáticos. Mas o fascínio da palavra escrita me empurrava para muito além. Os jogos de adivinhação, brincadeiras com palavras, os trocadilhos, a fragmentação das palavras para tirar-lhes muitas outras, incorporaram-se à minha composição mental. Muitos anos depois se projetariam em uma extensa produção na linha da poesia



Dates Martins

concreta, do objeto-poema e da arte/processo, que veio a ocupar boa parcela de minha experimentação artística.

Com isso, aprender a ler e a escrever foi um processo prazeroso, divertido, e sua conquista constituiu um triunfo sem medidas.

TINTORETTO – LIÇÃO DE PINTURA

O dia 6 de janeiro, quando eu completava dez anos, me reservava a verdadeira epifania. Após o almoço festivo, o correio entregou em casa o número da revista O Cruzeiro. Era o mundo chegando à nossa casa! Quando foi a minha vez de folhear a revista, encontrei em suas páginas o que seria para mim a grande revelação da arte. O número especial de Natal trazia uma reportagem de 12 páginas coloridas sobre um pintor italiano: Tintoretto. Foi uma aparição surpreendente, que me deu vertigens. As cores intensas, vermelhos, amarelos e ocres, faziam escorrer luzes e sombras no modelado de figuras potentes. Mas o que mais me espantou e maravilhou foi a perspectiva, os pontos de vista inusitados que abriam espaços para dentro da página.

Naturalmente nada disso me chegava como uma noção técnica e estética. Na verdade eu tinha a percepção das coisas sem que as pudesse decodificar. Era apenas a vertigem, o sentimento de euforia, a revelação de alguma coisa acima da compreensão. Não existiam palavras para nomear essas coisas.

Após o almoço festivo, o correio entregou em casa o número da revista O Cruzeiro. Era o mundo chegando à nossa casa! Quando foi a minha vez de folhear a revista, encontrei em suas páginas o que seria para mim a grande revelação da arte. O número especial de Natal trazia uma reportagem de 12 páginas coloridas sobre um pintor italiano: Tintoretto. Foi uma aparição surpreendente, que me deu vertigens. As cores intensas, vermelhos, amarelos e ocres, faziam escorrer luzes e sombras no modelado de figuras potentes.



2º tempo: adolescência

(Itabira)

O SUMO DA PEDRA

Deixar a pequena cidade natal, o espaço da infância, a segurança da casa à sombra generosa de minha mãe, a proteção de meu pai; irmãos, parentes e amigos; deixar os lugares que meus olhos e sentidos dominavam e percebiam como cenários familiares, deixar Santa Maria foi uma experiência dolorosa e ao mesmo tempo carregada de um maravilhamento profundo. Ia fazer o curso ginásial em Itabira, morando no casarão de minha avó.

DESCOBRIMENTO DA POESIA

Adolescente, mal deslizara de minha particular utopia no espaço encantado da infância em Santa Maria e já me descarregava com o peso do baú e dos meus 13 anos sobre esse outro terreno, a encardir-me com o pó do minério e o peso de outros mistérios. O desvelamento de Itabira trazia inumeráveis apelos à vida e produzia uma nova colcha de indagações que não sossegava o frio, mas despertava o sonho angular de fantasmas atávicos.

Foi nesse momento de mudanças tão bruscas e intensas que encontrei o longo poema *Os Bens e o Sangue*, de Carlos Drummond de Andrade, batido à máquina e corrigido com a letra miúda do poeta. O poema havia sido enviado por Drummond a seu sobrinho, Virgílio Andrade, meu primo, que então se tornara para mim uma espécie de mentor a alimentar-me de boa literatura. Via-me assim diante de uma composição densa, estranha, carregada de sentimento, palpitante projeção de uma Itabira rural e o peso da família. Uma dolorosa confissão do irremediável destino de ser poeta.

Até então minha experiência de leitor de poesia não passava do romantismo ou do parnasianismo. Penetrar no universo drummondiano representou um tremendo impacto de estranhamento e sedução, na mesma medida que havia sido o encontro com a pintura de Tintoretto.

Enquanto vivi em Itabira, fui penetrando no universo poético de Drummond, daí alcançando com igual encanto a obra de Guimarães Rosa. E toda uma lista de grandes autores encontrados na biblioteca

pública ou na casa do meu primo. Lia, com sofreguidão e ansiedade, os romances publicados em capítulos semanais pela revista *O Cruzeiro*.

Ainda em Itabira, a pintura tomou-me largo tempo, com o estímulo da professora de desenho do colégio, Emília de Caux, em cuja casa tinha liberdade para pintar o que quisesse e ver seus livros de arte. Saía também para pintar ao ar livre os panoramas itabiranos, quase sempre assistido por meninos curiosos e mocinhas encantadas com o talento do artista, o que me deixava extremamente feliz.

A FORÇA ESPIRITUAL DA ARTE

Eu tinha por volta de 15 anos – estava em férias em Santa Maria –, quando recebi encomenda extraordinária: pintar um estandarte para a Festa de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, venerada em uma fazenda próxima à cidade.

Uma manhã ensolarada de domingo acolheu-nos na capelinha da fazenda, onde foi celebrada missa solene. Levado pelas moças da família, o estandarte colado no caixilho de madeira enfeitado com flores de papel e fitas coloridas foi afixado no mastro recém-pintado com requintes volpianos. Música, sinos, incenso e foguetório saudaram a minha santa, que vagarosamente foi levantada, brilhando com o sol, tendo ao fundo o azul puríssimo do céu. O povo rezava pedindo bênçãos, cantava, saudava Nossa Senhora, rogando-lhe proteção, e ela, no alto, sorria vivíssima e benfazeja.

Eu tremia de emoção. Percebi como a arte tem o poder de encarnar significados além da nossa compreensão. Senti que a minha criatura escapara do meu controle, com vida própria, com poderes próprios. Transformava-se

em uma entidade, capaz de agregar pessoas, criar vínculos entre elas, condensar a luz que vem de Deus e irradiá-la para o mundo.

Naturalmente esses sentimentos eram na época intraduzíveis para mim.

Não é preciso dizer o quanto fui celebrado pela façanha de ter realizado a pintura – veementemente afirmaram que eu era um artista.

Foi nesse momento de mudanças tão bruscas e intensas que encontrei o longo poema *Os Bens e o Sangue*, de Carlos Drummond de Andrade, batido à máquina e corrigido com a letra miúda do poeta. O poema havia sido enviado por Drummond a seu sobrinho, Virgílio Andrade, meu primo, que então se tornara para mim uma espécie de mentor a alimentar-me de boa literatura.

3º tempo: juventude/ maturidade

(Belo Horizonte)

BELO HORIZONTE

Transferindo-me para Belo Horizonte, em 1958, para fazer o curso científico, iniciei nova etapa de minha vida, movido por intensa expectativa e curiosidade. Belo Horizonte era um mundo inteiramente novo e síntese de todos os meus sonhos e ambições. Era a cidade grande na qual me sentia livre para buscar o conhecimento que me ofertava. Fui logo procurar galerias, escolas, museus, ver arquitetura nova, entrar em livrarias e bibliotecas, andar de bonde, imergir na massa de gente apressada na avenida, sair de um cinema e entrar noutro, ir ao teatro, assistir a concertos, conhecer artistas e escritores, visitar redações de jornais e tentar transformar em texto impresso as minhas tímidas criações literárias. E em meio a tudo isso – que tinha o gosto diário da conquista – o enfrentamento de um curso científico, no Colégio Padre Machado. A cidade era linda oferecendo-me o pão da arte necessário para saciar-me com o novo.

A Escola do Parque funcionava precariamente nas ruínas da construção abandonada do Palácio das Artes. Eu não perdia oportunidade para lá estar, vendo o pessoal trabalhando. E, em várias ocasiões, assisti ao velho mestre Guignard demonstrando como pintar um retrato, uma natureza morta ou uma paisagem.

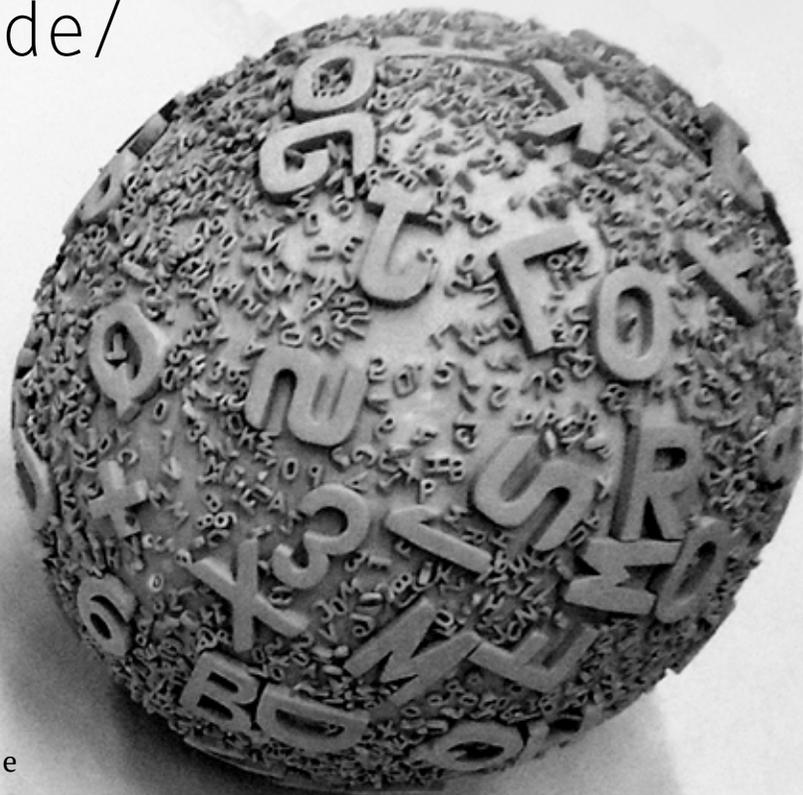
Já no primeiro ano em Belo Horizonte, tive momentos emocionantes, como assistir às óperas e ver teatro de vanguarda pelo Teatro Experimental, no antigo cassino, recém-transformado em Museu. No mesmo espaço inaugurava-se o Salão de Arte, onde tive contato com obras originais de alguns dos melhores artistas brasileiros, conheci artistas mineiros e ouvi discussões apaixonadas sobre arte.

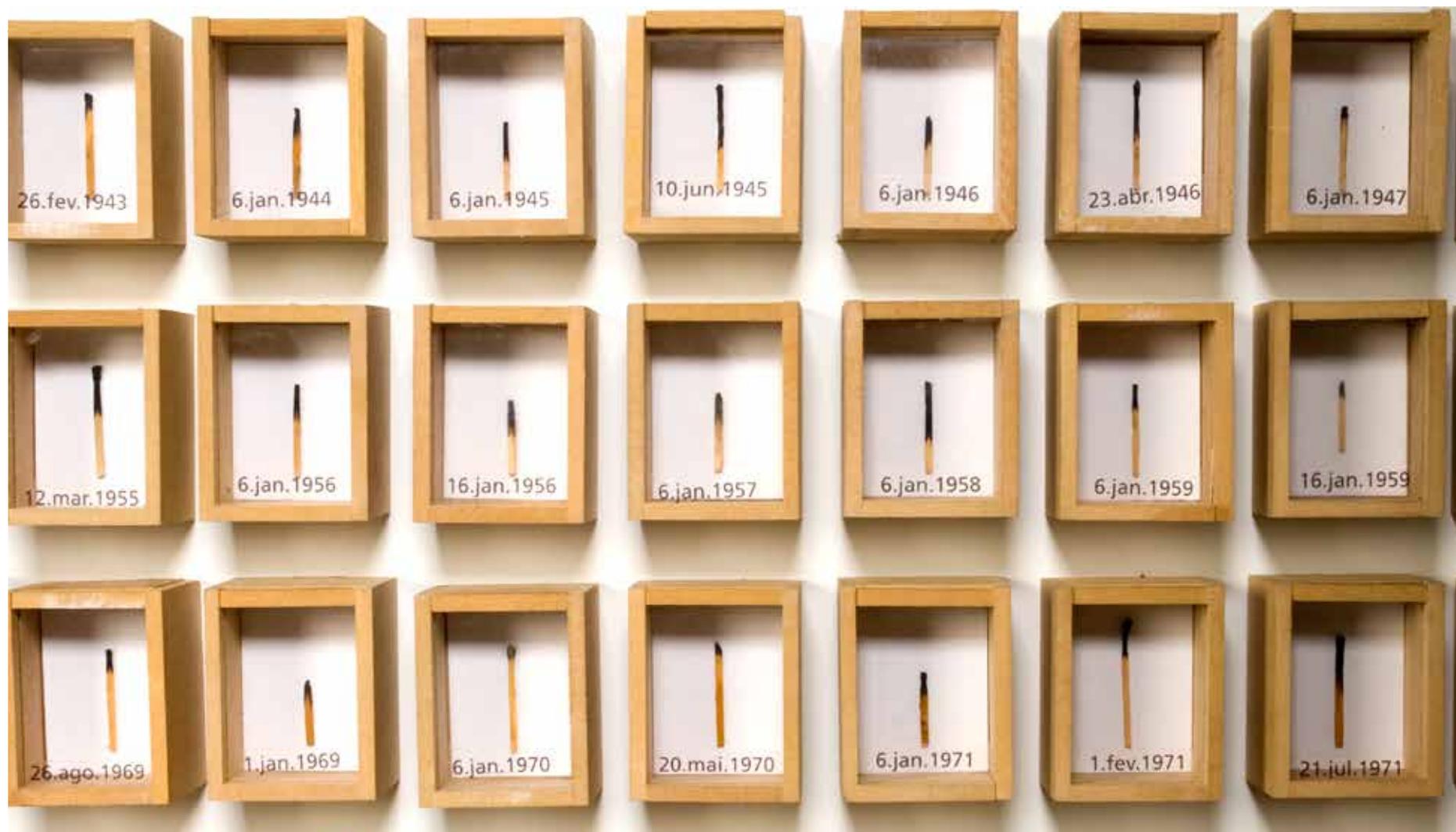
A proximidade com artistas e escritores seria fortalecida nos encontros à tarde, na Livraria Itatiaia, encorajando-me, mesmo que timidamente, a me apresentar e mostrar minhas pinturas e minha poesia.

UMA DETERMINAÇÃO: SER ARTISTA E ESCRITOR

Morava na casa de minha irmã Lúcia, cujo estímulo, como também de meu cunhado, Hilário, garantiam-me a subsistência e o investimento nos meus sonhos de artista. Com paciência e generosidade ofereceram-me o espaço onde, madrugada adentro, fazia surgir quadros, desenhos e poemas, além de ilustrações para trabalhos escolares de minhas sobrinhas.

Meu tempo era completamente preenchido com os estudos, na parte da manhã, o primeiro emprego (na Companhia Vale do Rio Doce), à tarde, e o encontro com escritores, artistas plásticos, jornalistas e filósofos, à noite, na Gruta Metrópole e no Bar Lua Nova, no Malleta, onde tínhamos uma roda viva e bem humorada.





Ao final de meu terceiro ano em Belo Horizonte, já me achava perfeitamente integrado àquele ambiente, escola viva para quem como eu queria ser artista e escritor. Começava, também, a publicar poemas e crônicas em jornais, a me inscrever em concursos de literatura e salões de arte, obtendo sucessivas premiações.

Sem um projeto claro para a vida e para o futuro, acabei desistindo de vez da arquitetura e fiz o vestibular da Escola de Belas-Artes, onde encontraria jovens artistas como eu, empenhados numa formação sólida que lhes desse cacife para enfrentar a profissão. Três anos depois, abandonei o curso.

Eu não carregava maiores ambições e nem me preocupava em traçar um caminho, apenas me deixava levar pelo prazer de estar "no meio artístico e intelectual" da cidade. Fui criando laços e compromissos. Comecei a atuar como curador de eventos, a escrever apresentações em catálogos de exposições, a entrevistar e acompanhar artistas e escritores. Viajava precariamente para ver exposições no Rio e em São Paulo.

TEMPOS DE CINZA

Sofríamos os primeiros tempos da ditadura e eu não tinha muito clara a dimensão dos acontecimentos. Íamos vivendo com uma inocência perigosa, nos limites do possível, no horizonte de uma utopia e, sem muita consciência, à beira do precipício. Decididos a mudar o mundo com nossas canetas, nossas *Remingtons* portáteis, lápis e pincéis e tintas, mas não tínhamos projetos definidos.

Eu havia iniciado carreira na Companhia Vale do Rio Doce e, em seis anos, fui estafeta, desenhista técnico e finalmente redator do Departamento de Relações Públicas, de onde sairia, demitido por justa causa – jamais revelada – em agosto de 64, quando preparava o lançamento de meu primeiro livro de poesia.

Rubro Apocalíptico havia sido premiado no concurso nacional de Literatura de Belo Horizonte. Lido por Drummond, foi recomendado por ele à Editora Pongetti, que fez uma edição caprichada, com bela capa de Ildeu Moreira.

PTYX - A LITERATURA: VOZES DAS MINAS PROFUNDAS

Em 1963, fiz provas para o Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, que, além de ser gratuito, tinha ótimos professores e currículo específico para o vestibular de arquitetura. Na escola se respiravam alegria e liberdade e se estimulavam a discussão política e a vivência cultural.

Aproximei-me de alguns estudantes que se reuniam no pátio e tinham em comum a atividade literária: João Paulo Gonçalves, Maria do Carmo Vivacqua Martins (Madu) e as irmãs Myriam e Misabel de Abreu Machado. Mais de uma hora ficamos ali, a papear, estabelecendo de imediato uma sintonia que viria a se transformar em cumplicidade. Dirceu Xavier e Paulo Junqueira estudavam em outros colégios e logo se aproximaram de nós. Seríamos companheiros de uma formidável aventura intelectual pelos anos seguintes, e amigos para o resto da vida.

Rubro Apocalíptico havia sido premiado no concurso nacional de Literatura de Belo Horizonte. Lido por Drummond, foi recomendado por ele à Editora Pongetti, que fez uma edição caprichada, com bela capa de Ildeu Moreira.

Logo admitimos que éramos verdadeiramente um grupo e começamos a pensar em efetivá-lo, na feição dos grupos literários de outros tempos – o pessoal modernista da *Revista*, dos anos 20, a *Geração Complemento*, dos anos 50, e a *Tendência*, da virada dos 50 para os 60.

Nosso grupo tinha de ter um nome e uma publicação, evidentemente. Depois de muita discussão, chegamos finalmente a uma palavra que me impressionara muito, encontrada no final de um poema do livro *Lição de Coisas*, que Drummond acabara de lançar: *ptyx*, palavra de origem grega, que significa, entre outras coisas, o ruído do mar que se ouve nas conchas. Perfeito para nós mineiros: a carga simbólica, a sonoridade e a estranheza da palavra projetavam um sentido poético que era ao mesmo tempo substância do antigo e floração do moderno. Registramos então o *Grupo Ptyx de Literatura e Arte*, já com o propósito de fazer sua primeira publicação.

Com originais nas mãos fomos buscar apoio na Imprensa Oficial, cujo

diretor, o poeta da geração de 20, tradutor e crítico de arte José Guimarães Alves, nos acolheu com cordialidade e, poucos dias depois de nossa visita, confirmou o atendimento às nossas aspirações.

Em outubro de 1963, lançamos em festa o primeiro número do *Ptyx - caderno de literatura e arte*, que teve repercussão na imprensa em Belo Horizonte, no Rio e em São Paulo. Nossos poemas integraram a *Antologia da Poesia Brasileira, fase moderna*, organizada

por Manoel Bandeira e Waldir Ayala.

Nesse ano, João Paulo e eu participamos com poemas cartazes da exposição da *Primeira Semana de Poesia de Vanguarda*, evento histórico que se realizou na Reitoria da UFMG, com a participação dos poetas concretos e neoconcretos e vários outros que atuavam na vanguarda literária.

Tempos tensos e intensos, de estudos e produção, projetando como resultado mais significativo a edição do *Ptyx-2*, o segundo caderno do



1967 - Murilo Rubião, Mary Vieira, Lúcia Machado de Almeida, Célia Laborne, Marina Aquino, Márcio Sampaio e Chanina.

grupo, bem mais maduro, novamente impresso na Imprensa Oficial, mas a nossas expensas.

A boa repercussão do segundo caderno Ptyx não foi suficiente, contudo, para que nos aventurássemos na continuidade da publicação. De início fizemos planos, trabalhamos muitas ideias, mas a situação política e econômica, mais os compromissos pessoais de todos nós, já nos bancos da universidade, quase todos na Faculdade de Direito, foram-nos desviando para outras instâncias de atividades. O grupo, como tal, foi-se dissolvendo, permanecendo, contudo, a amizade entre seus integrantes. E nossa literatura, ao final, acabaria por encontrar outro espaço de divulgação: o *Suplemento Literário do Minas Gerais*, lançado em 1966, que abriu suas páginas às nossas produções.

RISCO CALCULADO

Demitido da Vale, fui trabalhar na redação do *Diário de Minas*, como titular da coluna de crítica, e fazer reportagens didáticas sobre escritores e artistas, para o caderno cultural DM2

Em 1965, saiu meu segundo livro de poesia, *O Ciclo do Barro*, premiado em 1966 como o “melhor livro de poesia publicado no ano anterior”.

OURO PRETO: PAIXÃO E POESIA

No ano seguinte, desliguei-me do *Diário de Minas* e me transferei para Ouro Preto, onde fui dirigir a Galeria anexa ao Hotel e Restaurante Pilão. Meu salário seria um quarto no Hotel e duas refeições diárias no restaurante. Mas tinha Ouro Preto com seu cenário estimulante, com um pequeno movimento turístico tendendo a crescer. E lá já estavam residindo dois dos meus melhores amigos e grandes artistas, Nello Nuno e Ana Amélia Rangel.

UM INTERMEZZO

Na casa de Nello Nuno, iria encontrar sua irmã, a desenhista Eliana Rangel, a quem me ligaria afetivamente, tendo-a como esposa, companheira e mãe de meus filhos, Alberto e Gustavo, nascidos em 1970 e 1974. Com Eliana inaugurei o estado de “legitimidade existencial”, traçando novo espaço em meu projeto de vida. Casamo-nos em 1968. No contexto conturbado em que vivíamos, as novas responsabilidades constituíram a melhor motivação para meu

trabalho como artista, professor de arte e tudo o mais que envolve o movimento de atuação e criação.

Eliana, artista de grande sensibilidade e inteligência, foi a grande colaboradora e a melhor crítica do meu trabalho, por sua acuidade e seu conhecimento de arte e literatura. Durante 38 anos trabalhamos juntos, com cumplicidade e mútua colaboração, até seu falecimento em 2003. Os filhos, também sempre dispostos a olhar criticamente meus trabalhos, mantêm a união da família, ampliada com a afetuosa presença de minhas noras e meus netos.

LOJA DE POESIA

A experiência da Galeria Pilão não constituiu em si um marco muito especial em minha vida. Mas a vibração intelectual e o clima propício à criação artística seriam fatores de crescimento e mudanças. Comecei a desenvolver uma linha de desenhos e objetos-poemas seriados, os quais eu vendia na Galeria Pilão e em uma saleta com uma única portinha, que eu conseguira emprestada, na Rua Direita. Uma placa indicando a especificidade do “negócio” atraía a curiosidade dos turistas e alguns eventuais compradores.

Era a continuidade de um longo trabalho na linha da poesia de vanguarda, que me levaria a participar, em fins de 1967, do Movimento de Arte/Poema Processo e das exposições do Movimento em vários Museus e Galerias do Rio, de São Paulo e no exterior.

SUPLEMENTO LITERÁRIO

A experiência ouro-pretana se encerraria logo. Em agosto já me encontrava em uma sala da Imprensa Oficial, em Belo Horizonte, ao lado do escritor Murilo Rubião, preparando o primeiro número do *Suplemento Literário do Minas Gerais*, em que eu iria atuar como redator, revisor, tesoureiro e, mais tarde, também ilustrador.

O *Suplemento* passou a ser o ponto de encontro de artistas e escritores, aberto a todas as tendências. Os jovens aos poucos foram chegando e tomando assento, até constituir-se a Geração Suplemento, brilhante, criativa e corajosa.

Entre 1970 e 1972, sob a direção de Angelo Oswaldo, o *Suplemento* abriu-se a experimentações e se tornou o difusor mais eficaz das novas linguagens poéticas e da ficção. Havia, sobretudo, liberdade, a efervescência da juventude, com energia e bom





humor, uma disponibilidade extraordinária para o debate de toda ordem, certa irreverência saudável que jogava farpas sobre o academicismo, mas que mantinha a camaradagem e a reverência a escritores como Emílio Moura e Bueno de Rivera, os quais se mostravam tão jovens quanto os que naquele momento surgiam e se afirmavam.

De minha parte, mais ligado às artes plásticas, pude, através das páginas do *Suplemento*, divulgar a produção jovem e de vanguarda, dando também cobertura para os artistas das gerações anteriores, difundindo não somente a arte mineira como também a brasileira e, na medida do possível, acontecimentos internacionais.

Minha experiência no *Suplemento* iria projetar-se e ampliar-se com colaborações para revistas e jornais do país, curadoria e direção do Museu de Arte da Pampulha (1968/72) e especialmente no Palácio das Artes, entre 1972 e 1986, e outras instituições.

EXPERIÊNCIA ACADÊMICA

Em decorrência da militância como crítico e artista, fui convidado, em 1977, a ingressar na Escola de Belas-Artes da UFMG, como professor do Departamento de Desenho. Em 1986, desliguei-me do Palácio das Artes e passei a dedicar-me integralmente às atividades na Escola, onde vivi com intensidade a grande aventura de ensinar e discutir arte, numa saudável cumplicidade com alunos talentosos, com os quais estabelecia prazerosa interlocução. Juntos, professores artistas e pensadores fizemos da Escola um lugar de conversas produtivas e muita criação.

O DESENHO: POESIA GRÁFICA

Em 1968, Eliana e eu montamos ateliê em Sabará, onde trabalhávamos intensamente todo fim de semana. Pude elaborar, então, com calma e reflexão, desenhos viscerais, tecnicamente bem mais cuidados, mantendo o engajamento político-social. Eliana, por seu lado, desenvolveu uma série de desenhos abordando questões do feminismo, da maternidade, agregando sua experiência de técnica de laboratório na Faculdade de Medicina da UFMG, onde produzia lâminas e ilustrações didáticas.

Foi um tempo de grande entusiasmo e energia, colocando-nos abertos à invenção, e nossos trabalhos seriam naquele ano selecionados para a IX Bienal de São Paulo, um marco em nossas carreiras.

DR. CLOROFILA

Em 1971, escrevi uma história para crianças, com a intenção de que fosse um legado para meu filho recém-nascido, Alberto, e minha contribuição para criar nos futuros leitores consciência sobre a questão do meio ambiente. *Dr. Clorofila contra Rei Poluidor* foi uma das primeiras histórias para crianças a tratar diretamente desse assunto no Brasil. Anos depois, escrevi *A Cidade dos Ventos*, uma aventura cheia de fantasia, com cenário e personagens de Santa Maria, dedicado ao meu segundo filho, Gustavo. Continuo escrevendo histórias para crianças, agora para meus netos, Lucas e Alice, ainda inéditas.

ANTROPOFAGIA: REFLEXÃO SOBRE A ARTE BRASILEIRA

A partir de uma pintura em que fiz a articulação de imagens e espaços inspirados em Magritte, com alusões ao barroco mineiro e à vocação construtiva de Minas, iniciei extensa série de pinturas, desenhos e objetos, sob a denominação de *Galeria Antropofágica*, ideia que me ocuparia por longos quinze anos. Essa produção valeu-me uma boa entrada no circuito nacional, com premiações, convites para exposições e participação em salões, além do interesse de colecionadores, inclusive estrangeiros, o que ocorria pela primeira vez com a minha obra. Um conjunto desses trabalhos seria integrado a uma importante exposição, *Visão da Terra*, reunindo doze artistas brasileiros no Museu de Arte Moderna do Rio, com curadoria de Roberto Pontual. Logo depois apresentei-os em diversas galerias.

DOSSIÊ DA ESTUPIDEZ: MEMÓRIA DA GUERRA

Desde os anos 60, impressionado com a crueldade e a violência das guerras e das segregações raciais, venho anotando notícias e colecionando documentos, pensando em desenvolver um trabalho – em literatura e pintura – que desse conta de meu sentimento de repulsa diante da violência, da tortura e da agressão estúpida de que são vítimas países, povos, grupos étnicos e pessoas.

Comecei a dar forma a esses sentimentos com a poesia e a ficção, com os desenhos e as pinturas, sendo tema recorrente nos meus livros *Rubro Apocalíptico* (1964), *O Ciclo do Barro* (1965), *O Tempo em Minas* (1977) e *Risco de Vida* (2000).

Nos primeiros dias de janeiro de 1991, o mundo assistiu, ao vivo e em cores, ao grande “espetáculo” do conflito no Golfo, o que me levou a produzir um trabalho que denunciava a manipulação dos fatos pela imprensa e a utilização da violência da guerra como espetáculo e objeto de consumo.

Adquiria diariamente os jornais e trabalhava criticamente as imagens da guerra e as que registravam outros assuntos, como o futebol, o carnaval, as devastações das chuvas, as quedas da bolsa, a alta do petróleo etc.

Ao final do conflito, eu tinha já trabalhado em três centenas de páginas de jornais, tratando os assuntos com pintura, desenho e outras técnicas, expostos pela primeira vez na abertura do Festival de Inverno da UFMG.

OUTRAS FRENTES DE TRABALHO

Depois da intensidade de produção em artes plásticas nos anos 80, passei a dedicar-me mais à literatura, à curadoria de

eventos e às atividades docentes na Escola de Belas-Artes. Venho trabalhando também na elaboração de ensaios sobre artistas, para publicação em livro, entre os quais, Mário Bhering, Amílcar de Castro, Jorge dos Anjos, Álvaro Apocalypse, Nello Nuno, Eliana Rangel, Ana Amélia Diniz Camargos, e participando, com textos especiais, em várias publicações culturais.

Além dessas atividades, dediquei-me durante quatro anos ao trabalho na direção da Fundação Cultural Carlos Drummond de Andrade, de Itabira, onde pude me reaproximar de minhas raízes, levando minha experiência em gestão e curadoria de eventos culturais em órgãos públicos, como o Museu de Arte da Pampulha e o Palácio das Artes, em Belo Horizonte, reativando o ambiente cultural da cidade.

LITERATURA X ARTES PLÁSTICAS – A SÍNTESE POSSÍVEL

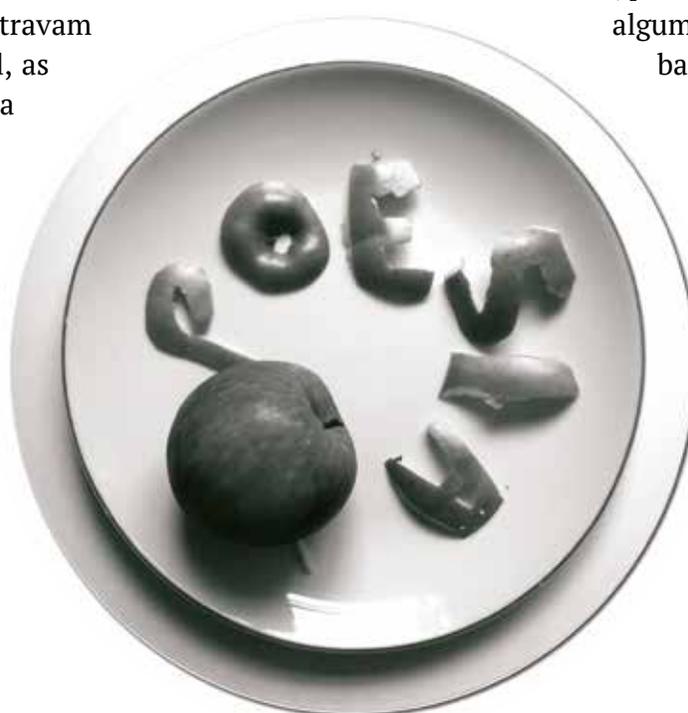
Houve um tempo em que pensei seriamente que a literatura – a poesia – não era o meu meio de expressão mais adequado, que perdia tempo em exercitar a linguagem em busca de realização artística e que deveria me dedicar inteiramente às artes plásticas. Estabeleceu-se, assim, um conflito: ou eu me dedicava em profundidade à literatura, ou a abandonava em favor das artes plásticas. Tinha certeza de que não conseguiria fazer bem as duas coisas. Era preciso definir os rumos e assumir uma única forma de expressão.

Então me dirigi para a pintura e o desenho, pensando que seria mais compensador, em vários aspectos, estar me dedicando às artes plásticas, uma vez que as atividades profissionais (como crítico e curador) eram mais relacionadas a essa área.

Quando vieram prêmios em literatura, aflorou-se novamente o dilema e cheguei a pensar que investir tempo e esforços nas artes plásticas estava me roubando preciosas oportunidades de realizar a minha escrita.

Nesse embate, perdi e ganhei. Concluí que não tinha, na verdade, possibilidades de grandes voos, mas que, se possuía algum talento ou destreza para trabalhar com o verbal e o visual, carregava uma vantagem de poder usar a linguagem mais adequada ou pertinente para o que desejasse expressar.

Utilizando a estratégia de “*low profile*”, chegou um momento em que me vi apaziguado, livre do conflito e confiante na justeza de minhas pretensões. E acabei premiando esse bom senso com o encaminhamento de uma produção-síntese, ora pesando o visual, ora o literário. Os poemas visuais (poemas-cartazes, objetos-poemas) e os desenhos com palavras acabaram por oferecer-me uma prazerosa reconciliação com essa dualidade. Desde então



trabalho literatura e artes plásticas sem nenhum sentimento de culpa.

A tendência ao experimentalismo, ao trabalho com a palavra enquanto signo ou forma concreta interessou também aos críticos e teóricos da poesia de processo, como Wladimir Dias Pino, Moacyr Cirne e Álvaro Sá, que me convidaram a participar do Movimento Arte/Poema Processo, iniciado no Rio, em fins de 1967. Meus trabalhos foram mostrados em exposições no Brasil e em vários outros países, publicados em revistas especializadas e incorporados em muitas de minhas exposições individuais. Mantenho até hoje esse aspecto de produção poético-visual, que sempre provoca o interesse (ou curiosidade) do público, especialmente os jovens.

DECLARAÇÃO DE BENS

Em 2005, realizei a segunda retrospectiva de minha obra, comemorando 50 anos de atividades profissionais como pintor. Foi o momento de me ver com os olhos livres e de fazer a avaliação do que havia feito na vida. A extensa obra de pintura, desenho, objetos, poemas-objetos e cartazes, design gráfico e instalações ocuparam toda a grande galeria do Palácio das Artes. O reencontro com obras antigas que se achavam em coleções particulares e em Museus, e com outras, guardadas em caixas no meu ateliê, e a reação entusiasmada do numeroso público que encheu a galeria todos os dias, por um mês, permitiram-me concluir que havia realizado alguma coisa relevante no contexto da arte mineira.

Em 2011, com o título *Poesia além do verso*, reuni os poemas/objetos, novos poemas cinéticos e as instalações em uma exposição apresentada na Galeria Cemig, em Belo Horizonte, e no Centro Cultural Energisa, em João Pessoa. Essas exposições sempre tiveram ótima participação do público, pelo seu caráter lúdico e de humor.

“O tempo, esse escultor” (Marguerite Yourcenar) vai criando formas, metamorfoseando a vida e esculpindo em nós mesmos nossa imagem – a figura que a vida faz de nós, diferente daquela que nossos sonhos construíram. Chega um tempo em que se torna inevitável aceitar esse compulsório desbaste de nossa forma, a deterioração, a progressiva perda de forças. Contudo, esse tempo-escultor é também um lapidador que revela a luz em reflexo, clara e límpida dessa preciosa carga, “dessa composição” que somos nós. O espírito vai-se manifestando em nossa consciência, e ele pode tornar-se mais brilhante ou mais turvo. É a hora em que as sombras começam a descer para instalar a noite definitiva. É a hora também em que tudo se acalma. Narcisos rendidos, submissos, encontramos-nos diante de nós mesmos – não a nossa sombra ou nossa imagem, mas a nossa verdade, despojada de qualquer adereço.

A rendição ao tempo não implica, porém, derrota, mas consumação de nosso paciente processo. A arte ilumina esse espaço no qual ingressamos. A arte me conduz à saída do labirinto. E sei que a travessia ainda não se completou. Muito há o que fazer, muito caminho a percorrer antes de chegar.

FOME

Márcio Sampaio
(*Rubro Apocalíptico*, 1964)

MUNDO CHEIO
CASA VAZIA
PARTIDA AO MEIO
A ALEGRIA

A MINA
ELIMINA
O HOMEM

COM O SAL
COM O MAL
QUE O COMEM.

A RUA
É PUA
QUE FURA
E PERFURA
A AMARGURA

DO POBRE.

A PRAÇA
É DESGRAÇA
QUE FERRE
E PREFERE
A CARÇAÇA

DO POBRE.

A MISÉRIA
É A FÉRIA
QUE INVENTA
E SUSTENTA
A ESPERANÇA

DO POBRE.

A SOLIDÃO
É O CÃO
QUE COME
E CONSOME
A ILUSÃO

DO POBRE.

PERGUNTAI A QUEM VOS FEZ
SE COM TUDO ISSO PODEIS
FICAR SENTADOS
OUVINDO ESTRELAS...

Poemas de LEONARD COHEN

TRADUÇÃO DE ANA CAETANO

Embora seja mais conhecido por suas canções, Leonard Norman Cohen iniciou sua carreira artística como poeta. Seu primeiro poema foi publicado em 1954 na revista *CIV/n* e, em 1956, lançou seu primeiro livro de poesia, *Let Us Compare Mythologies*, seguido, em 1961 por *The Spice Box of Earth*.

Desde os primeiros poemas, a lírica do bardo canadense revela uma vasta lista de influências que incluem William Butler Yeats, Walt Whitman, Federico Garcia Lorca, Henry Miller além de um forte acento místico, herança do avô judeu estudioso do Talmud e de suas incursões no universo do Zen Budismo. Aclamado ainda no início da trajetória de poeta por críticos como Northrop Frye e mais tarde celebrado como músico, Leonard Cohen fabricou e segue fabricando versos escritos e cantados em fases que se intercalaram ao longo da sua vida de nômade.

No início dos anos 60, completou sua educação formal em Montreal e em New York que ele deixou para um exílio voluntário na ilha grega de Hidra onde trabalhou como poeta e romancista. Publicou, nessa época, o livro de poemas *Flowers for Hitler* (1964) e as novelas *The Favourite Game* (1963) e *Beautiful Losers* (1966).

A obra musical foi iniciada somente em 1967 quando ele, desanimado com a carreira de escritor, voltou aos Estados Unidos. São desse período os álbuns *Songs from a Room* (1969) (onde se encontra a sua favorita *Bird on the Wire* que escolhemos traduzir) e *Songs of Love and Hate* (1971). Se a música folk foi o ponto de partida, seu estilo musical, como o de Bob Dylan, é também repleto de outras influências que mesclam variantes da música pop e até da vanguarda novaiorquina. Durante os anos 60, ele chegou a figurar como personagem transitório da famosa *Factory* de Andy Warhol e o próprio Andy diria, anos mais tarde, que reconhecia, na música de Cohen, influências desse período. Desde a época em que se apresentou em Festivais de música Folk e produziu seus primeiros discos em Nashville até os anos 70 e 80, quando incorporou tons da música pop, do jazz, das sonoridades mediterrânea e oriental, a produção musical de Leonard Cohen é única e pouco afeita a classificações. Sua reclusão nos anos 90 em um monastério Zen budista em Los Angeles ajudou a temperar a música e a poesia dos últimos anos que parece imantada da religiosidade que ele já anteciparia na famosa canção *Hallelujah* e no livro *Book of Mercy*, ambos de 1984.

Os poemas selecionados tentaram representar a enigmática mescla de ironia coloquial, misticismo laico e lirismo sombrio invocados em temas que são ao mesmo tempo modernos e universais. *All there is know about Adolf Eichmann* foi publicado no livro *Flowers for Hitler* em 1964. *Mission* e *The book of longing* fazem parte da coletânea *The book of longing* publicada em 2006 e dedicada ao poeta Irving Layton. *Thousands* foi divulgado no site *The Leonard Cohen Files* lançado em 1995 como homenagem ao poeta e músico canadense e hospedado por Jarkko Arjatsalo na Finlândia. *I wrote for Love* foi publicado por *The Telegraph* em 1975 (Ana Caetano).

THOUSANDS	MILHARES	I WROTE FOR LOVE	JÁ ESCREVI POR AMOR
<i>Out of the thousands who are known, or who want to be known as poets, maybe one or two are genuine and the rest are fakes, hanging around the sacred precincts trying to look like the real thing. Needless to say I am one of the fakes, and this is my story.</i>	Dos milhares conhecidos ou que desejam ser conhecidos como poetas, talvez um ou dois sejam genuínos. Os demais são falsos perambulando pelos recintos sagrados tentando parecer reais. Não preciso dizer que sou um dos falsos e esta é minha história.	<i>I wrote for love. Then I wrote for money. With someone like me it's the same thing</i>	Já escrevi por amor Já escrevi por dinheiro. Com alguém como eu É tudo a mesma coisa.

MISSION MISSÃO

I've worked at my work Trabalhei no meu trabalho
I've slept at my sleep Dormi o meu sono
I've died at my death Morri a minha morte
And now I can leave Agora posso partir

Leave what is needed Deixar o que é preciso
And leave what is full Deixar o que é completo
Need in the Spirit A falta no Espírito
And need in the Hole A falta no Afeto

Beloved, I'm yours Amada, eu sou seu
As I've always been e sempre fui assim
From marrow to pore da medula até o cabelo
From longing to skin do umbigo até o fim

Now that my mission Agora que a missão
Has come to its end: está terminada
Pray I'm forgiven tenho o meu perdão
The life that I've led pela vida passada

The Body I chased O corpo tão desejado
It chased me as well também me desejou
My longing's a place Minha espera é este estado
My dying a sail Minha morte é onde estou.

BIRD ON THE WIRE PÁSSARO NO FIO

Like a bird on the wire, Como um pássaro no fio
like a drunk in a midnight choir Como um bêbado em um coro tardio
I have tried in my way to be free. Eu tentei do meu jeito ser livre.
Like a worm on a hook, Como uma isca atirada no lago,
like a knight from some old fashioned book Como um cavaleiro de um livro ultrapassado
I have saved all my ribbons for thee. Guardei para ti as glórias que tive.
If I, if I have been unkind, Se eu por acaso fui deselegante,
I hope that you can just let it go by. Espero não sê-lo mais adiante.
If I, if I have been untrue Se eu por acaso não fui verdadeiro
I hope you know it was never to you. Espero que saiba que contigo fui inteiro.
Like a baby, stillborn, Como um bebê que morreu cedo,
like a beast with his horn Como uma besta e seu segredo
I have torn everyone who reached out for me. Eu desprezei todos nesse mundo
But I swear by this song Mas eu ainda juro por essa canção
and by all that I have done wrong e pelo que de errado fiz até então
I will make it all up to thee. Eu te recompensarei por tudo
I saw a beggar leaning on his wooden crutch, Vi um mendigo apoiado na sua muleta de madeira,
He said to me, "You must not ask for so much." Ele me disse "não peça tanto dessa vida passageira"
And a pretty woman leaning in her darkened door, E uma bela mulher encostada na sua escura porta,
she cried to me, "Hey, why not ask for more?" ela me gritou, "ei, peça mais dessa vida torta"
Oh like a bird on the wire, Oh, como um pássaro no fio,
like a drunk in a midnight choir como um bêbado em um coro vazio
have tried in my way to be free. eu tentei do meu jeito ser livre.

THE BOOK OF LONGING O LIVRO DA ESPERA

I can't make the hills Não posso fugir
The system is shot O sistema me prendeu
I'm living on pills Eu vivo de comprimidos
For which I thank G-d E dou graças a D-us
I followed the course Eu segui o roteiro
From chaos to art do caos até a arte
Desire the horse Desejo é o inteiro
Depression the cart Depressão é a parte
I sailed like a swan Velejei como um cisne
I sank like a rock naufraguei como uma rocha
But time is long gone E o tempo que eu tive
Past my laughing stock se extinguiu como uma tocha
My page was too white Minha página era branca e fria
My ink was too thin Minha tinta transparente
The day wouldn't write O dia não escreveria
What the night pencilled in o que a noite teve em mente
My animal howls Do meu animal ouço o gemido
My angel's upset Meu anjo sofre em tormento
But I'm not allowed mas não me é permitido
A trace of regret um traço de arrependimento
For someone will use Pois alguém abrirá a janela
What I couldn't be do que eu não pude ser
My heart will be hers e meu coração será dela
Impersonally até deixar de bater
She'll step on the path Ela virá pelo caminho
She'll see what I mean Ela verá que a outra metade
My will cut in half do que eu não fiz sozinho
And freedom between não é sonho, mas liberdade
For less than a second No sopro de um instante
Our lives will collide nossas vidas irão colidir
The endless suspended e haverá eternidade bastante
The door open wide na porta que ela abriu
Then she will be born E surgirá uma outra vida
To someone like you de tua ou de outra autoria
What no one has done Da busca não concluída
She'll continue to do ela será a nave guia
I know she is coming Sei que ela trará ao vivo
I know she will look o frescor da primavera
And that is the longing E este é o livro
And this is the book E esta é a espera.

(do álbum Songs from the Road)

ANA CAETANO

é mineira de Dores do Indaiá. Publicou os livros de poemas *Levianas* (1984), *Babel* (1994), com Levi Carneiro e *Quatorze* (1997). É professora na Universidade Federal de Minas Gerais.

BRUBRUBSA

CONTO DE ANDRÉ NIGRI

O carro ficou estacionado em uma área coberta de britas. Era um vale e as colinas em torno exibiam um verde sem vigor. Havia um córrego e uma pequena represa de água parada cuja superfície fundia-se com o céu muito azul e sem nuvens. Entre a encosta e o lago grandes toras de madeira escoravam uma cobertura de palmas secas marrons e sob ela havia mesinhas e cadeiras de pinho. O bar estava completamente vazio àquela hora da manhã.

Ela se sentou, ele foi até o balcão e assobiou. Uma mulher corpulenta de avental apareceu sorrindo.
“Bom dia. Uma cerveja, por favor.”

A mulher sumiu atrás do balcão e ele voltou para a mesa.

“É bonito aqui, né?, e tão perto de casa”, disse ela.

“É mesmo”, disse ele olhando o lago e as colinas salpicadas de pontinhos brancos.

A mulher chegou com a cerveja e dois copos. Eles sorriram para ela, que, depois de encher os copos, colocou a garrafa dentro de um cilindro de plástico e disse: “Posso fritar um peixinho pra vocês, viu? Qualquer coisa é só chamar.” Eles sorriram de novo. Depois que ela se afastou, ergueram os copos e brindaram em silêncio.

Um cachorro se aproximou, farejou o chão e deitou-se enrodilhado ao lado da mesa deles.

“Lembra um pouco o Squipe, né?”

Ele olhou o bicho dormindo e respondeu:

“É. É um Squipe mais encorpado.”

“É.”

“Você quer um cigarro?”

“Quero.”

Ele contorceu o corpo um pouco com o braço estendido e a mão dentro do bolso da calça. Acendeu o cigarro dela e depois o dele. Largou o maço e o isqueiro sobre a mesa e disse:

“É muito bonito aqui mesmo...”

“Será que estamos fazendo a coisa certa?”, ela o interrompeu.

Ele levou o copo à boca.

“Depois do que aconteceu, acho que é, né?”

Ela deu um gole e o copo ficou vazio. Ele levantou, foi até o balcão e voltou com uma garrafa.

“Está trincando”, disse ele enchendo o copo dela, que sorria para ele.

“A terra aqui deve ser uma mixaria”, disse ele ainda de pé olhando as colinas de pintas brancas.

“Deve ser mesmo.”

A água do lago se arrepiou com uma rajada leve de vento.

“É a sua vez de pegar cerveja.”

“Eu sabia que você ia dizer isso”, ela disse e dali a pouco voltou com uma garrafa.

“Que mulher simpática”, disse ela servindo os copos.

O cachorro se espreguiçava bocejando.

“Squipe! Squipe!”. Ele estalava os dedos um pouco abaixo do joelho.

“Acho que ele só vem quando tem comida”, ela disse.

O cachorro olhava para ele esparramado de lado e sua longa calda batia no chão.

“Vamos pedir o tal peixinho?”

“Vamos sim. Estou sem fome, mas

vamos sim.”, respondeu ela.

“Eu também estou sem fome nenhuma.”

A mulher pareceu que tinha ouvido e se aproximava coxeando um pouco.

“Demora um pouquinho, mas vocês não estão com pressa, né?”

Eles balançaram a cabeça e ela desapareceu, não por trás do balcão. Havia uma casa a uns cinquenta metros e ela rumou para lá.

“Como é que você acha que vai ser a partir de agora?”, perguntou ela.

“Não sei. O que você acha?”

“Não sei também.”

“Se a gente tivesse conhecido aqui antes...”, disse ele se levantando e acendendo um cigarro.

“É, é bonito mesmo...talvez fosse mesmo...”, disse ela tomando o maço da mão dele e puxando um cigarro de lá.

“Quando foi que aconteceu?”

“Você acha que sabe?”

“Não. E você?”

“Também não.”

“Mas aconteceu.”

“É, aconteceu mesmo.”

“Achava impossível que acontecesse.”

“Eu também achava.”

A mulher voltou caminhando pela grama com o cachorro andando ao lado dela. “Um peixinho frito na hora pra vocês!”, ela disse colocando a bandeja sobre a mesa. Em torno do peixe havia rodela de tomate e cebola. “Já vou trazer os pratos, tá?”

“A senhora traz mais uma, por favor?”, disse ela apontando para a garrafa vazia.

O cachorro estava sentado olhando para eles de boca aberta e com a língua de fora.

“Você quer que isso aconteça?”

“Você acha que tem outro jeito?”

“Não sei. Acho que não, né?”

“Sei lá, mas acho que não também.”

O peixe estava intocado. Ela espetou um naco de carne branca, ficou olhando um pouco para o garfo e depois atirou o pedaço para o cachorro.

“Iiii, agora está perdido”, disse ele. O cachorro estava de pé e sua longa calda era um pêndulo em rápido movimento.

“Mais uma, né?”

“Claro.”

Ele ergueu o braço e logo a mulher gingando chegou com outra garrafa.

“Aqueles boizinhos lá são da senhora?”, ela perguntou apontando para a colina.

“Alguns são, outros são dos vizinhos”, respondeu a mulher, olhando a bandeja sobre a mesa.

“Vocês não gostaram do peixe?”

“Estamos mesmo sem fome, mas está ótimo.”

“Tá bom”, respondeu a mulher se afastando com duas garrafas vazias nas mãos.

Eles se olharam enquanto ela saía.

“Será que ela se ofendeu?”

“Sei lá”, respondeu ele.

“Lembra aquela vez na pensão da dona...como era mesmo o nome dela?”

“Ah, claro!”

Eles riram e brindaram. O cachorro acompanhava com a língua de fora.

“Você acha que não dá mais?”

“Depois do que aconteceu, o que você acha?”

Ele olhou o cachorro, depois o pasto com os bois brancos. Tudo em torno parecia calmo e indiferente. O céu estava parado, com o sol exótico no meio dele. O ar estava parado e sem vento, e não estava frio nem quente.

“Você consegue entender alguma coisa?”, ele perguntou, estava em pé com os olhos perdidos naquela paisagem.

Ela olhou para onde ele olhava.

“Não, e você?”

O cachorro, resignado, deitou e se enrodilhou.

“Não. Mas eu amo você.”

Ela se levantou com o copo na mão, deu dois passos até ele, apertou-lhe o braço, depois começou a caminhar na direção da represa.

ANDRÉ NIGRI

mineiro de Belo Horizonte, é jornalista.

EDGAR PEREIRA

DESTINOS

CRUZADOS

Caudalosa, exuberante, feérica, ousada, erudita, sofisticada, cosmopolita, inovadora, de excessivas peripécias, recetiva aos sentidos, colorida como as mantas tecidas nas altitudes andinas, a ficção de Jorge Edwards, em *O inútil da família*, não se intimida caso seja comparada à dos festejados autores fantásticos da literatura latino-americana dos anos de 1970. Embaixador chileno, com passagem por Havana, Madri, Paris, Prêmio Cervantes, dentre outras premiações, Jorge Edwards apresenta um refinado contador de histórias, dotado de invulgares recursos, conhecimento de cultura e dos bastidores do mundo do dinheiro e da arte. O rótulo de memórias não condiz inteiramente ao resultado alcançado, embora as lembranças pessoais se misturem aos incidentes da saga do famoso tio-avô, cruzando os dois destinos. O romance engloba traços textuais heterogêneos: biografia, ensaio literário e novela de costumes alternam-se numa arejada carpintaria. O objetivo inicial seria biografar uma figura lendária das letras chilenas, o parente, Joaquín Edwards Bello, agraciado em 1943 com o Prêmio Nacional de Literatura do Chile. O primeiro parágrafo esclarece: “Como é sabido por toda a gente no Chile, Joaquín Edwards Bello teve existência real. Nasceu em Valparaíso em 1887 e morreu em Santiago no início de 1968” (p.8). A pesquisa efetuada sobre o escritor, que no círculo familiar é visto como marginal, um fantasma a ser evitado, descobre uma vida tumultuada transcorrida em palácios, mansões, tabernas, cassinos e teatros da América e da Europa. “Agradava-me, sempre me agradou, a sensação de navegar entre papéis, de escarafunchar, de me submergir no tempo” (p.403).

O retrato final resulta excessivamente contaminado pela presença de eventos históricos e culturais dos dois continentes, num grande painel em que desfilam atores da mais variada extração: multimilionários, políticos inescrupulosos, espões, artistas plásticos, contrabandistas, nobres de títulos insólitos, aventureiros, estrelas dos palcos, religiosos, intelectuais de nomeada, obstinados príncipes russos, pálidos poetas. Festas suntuosas, amores extravagantes, arriscadas fugas de barco, epidemias motivadas por catástrofes ou conflitos, surgimento e recepção de movimentos de vanguarda de meados do século XX, digressões morais, incidentes nos salões elegantes e a decadência em pensões sórdidas compõem o amplo quadro focado. A propósito de um livro sobre o Brasil (*Três meses em Rio de Janeiro*), é feito um apanhado pitoresco: “Tudo se resumiu a um relato de passeios, devaneios, entardeceres cariocas, alterados por um movimento de marinheiros sublevados, uns quantos disparos de canhão dos barcos de guerra, umas quantas granadas que silvavam sobre cabeças excitadas, levianas, estridentes” (p. 107). Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Borges, Edgar Allan Poe, Amiel, Apollinaire, Baudelaire, Neruda, Álvaro Guerra, Ezra Pound, Vicente Huidobro, Tristan Tzara integram o diversificado rol de referências literárias, alguns atuando como personagens em situações pontuais. Os romances folhetinescos do escritor biografado são uma fonte rica de conexões e tiradas reflexivas. Os traços associados ao efeito de caricatura e do grotesco são especialmente produtivos na



elaboração da intriga. Personagens que emergem do plano ficcional confundem-se com pessoas reais ou figuras supostamente extraídas da História, num emaranhado de ações e relatos habilmente entrelaçados. “A ficção parece estabelecer um desenho mais claro e menos caótico da realidade. A ficção reduz a proliferação confusa dos fatos. Em certo sentido, simplifica, introduz no caos dos acontecimentos algo a que se poderá chamar coerência” (p.317).

Circunstâncias e bizarras associadas ao lendário parente, amante do jogo e de corridas de cavalo, ilustram uma concepção de arte como fusão de realidade e fantasia. O narrador elabora instâncias de ambiguidade e espelhos, delineando um jogo entre a nitidez de contornos e a difusa silhueta na configuração de personagens. Em alguns momentos questiona-se o limite tênue entre realidade e fantasia, ou realidade e invenção, vistas como instâncias complementares no processo romanesco. A equivalência entre o relato verdadeiro e o imaginado é uma questão que não abala a credulidade dos leitores. Dirá o escriba, pelas tantas: “Por muito que se ponha ao serviço das notícias, um escritor pode permitir-se certas liberdades, certos luxos” (p.280). Observa-se por vezes uma troca de foco narrativo: o narrador externo (em terceira pessoa) delega a um narrador interno (em segunda pessoa) a condução do enredo. Tal expediente será intensificado nos últimos capítulos, quando são referidas as diligências esclarecedoras da aproximação à memória e efemérides do laureado homem de letras. As reviravoltas da engenhosa transação (a posse do revólver com que o protagonista se matou e extensa tralha de documentos e anotações) ampliam a faceta de jogo e trapaça. O diálogo com a literatura do tio-avô, que escreveu o romance *El inútil*, desdobra-se no título do livro de Edwards, *El inútil de la familia*. Aos poucos, o narrador percebe os pontos de contato entre sua vida e a do parente evocado, suspeita assinalada desde o início: “A história que narro neste livro, por conseguinte, é a de um herói trágico, alguém que sempre fui seguindo com os olhos abertos, com uma atenção apaixonada e não raras vezes abismada. É, em certa medida, a minha própria história, mas senti por mais de uma vez, embora só agora me atreva a reconhecer isso, que o sacrifício de Joaquín contribuiu de algum modo, de forma indireta e em certo sentido misteriosa, para tornar mais fácil o meu próprio caminho” (p.9-10).

A ideia de duplo, facilmente sacada no recorte da relação sobrinho/tio-avô, presta-se também para captar o envolvimento e a reverência do sobrinho por outra parente, grande cultora das artes, leitora voraz de autores ingleses. No segundo capítulo, portanto, no início de uma sequência de trinta e sete, seu perfil merece um esboço, revelador do conceito de literatura praticada pelos dois autores: “Mas não era bem medo: a tia Elisa, com o seu nariz de pássaro das selvas tropicais, gostava de histórias, de segredos, de intrigas. Não seria escritora, ela também? Andava sempre metida em efabulações, em enredos, propondo algo de que podia depender, segundo ela e no mínimo, a vida e a morte” (p.32).

O interesse ficcional pela enigmática senhora insinua-se como eixo de convergência entre aquele que narra e o protagonista, que a ela também dedica atenção nos seus livros: “Encontrei duas páginas e meia dedicadas à tia Elisa. Falavam da sua estatura baixa e do seu nariz de tucano de uma maneira que não deixava qualquer dúvida quanto à referência” (p.33). Instalado num quarto, no Chile, munido de jornais, revistas e notícias de rádio, o protagonista transforma-se em correspondente da guerra civil espanhola, sem perder a capacidade de convencimento. Após o episódio do escritor transformado em correspondente de guerra, num esconderijo andino, narra-se outra incidência de duplicidade: o jornalista Joseph Pla, enviado de Barcelona ao Chile para cobrir o terremoto de janeiro de 1939, ocorrido no sul, teria produzido matérias provando vinhos em Santiago, tendo por base informes de terceiros.

Para quem espera a apologia da arte, o risco de engano se impõe: “Ao invés, fora da ficção, os irmãos, os primos, os amigos, os inimigos, até mesmo os animais, proliferam. Os nomes de pessoas, coisas e lugares multiplicam-se. A não-ficção é caótica e superabundante, excessiva. Tudo cresce nela como erva daninha. A imaginação criadora, pelo contrário, limpa, desenha, corta” (p.188). Para além das peripécias do enredo, num contexto temporal que se distende por quase um século, a escrita ficcional revela-se por vezes vocacionada a acolher reflexões de natureza teórica, focalizando a própria e paradoxal impossibilidade de dar conta da inescapável densidade dos fenômenos, a pequenez da invenção criativa em face da existência.

A tradução portuguesa, a cargo de Helder Moura Pereira, premiada em 2009, no âmbito da Casa da América Latina/Banif, de Lisboa, mantém o colorido e a vivacidade do original em espanhol.

EDGAR PEREIRA

mineiro de Jesuânia, é professor, escritor e ensaísta. Publicou, dentre outros livros, o romance *Outono atordoado* (2001) e os ensaios *Portugal, poetas do fim do milênio* (1999) e *Arquivo e rota das sombras* (2014).

CONTO DE LUCIENNE SAMÔR

Eu estava no sanitário da Rodoviária. A minha intenção era lavar as mãos. Quando olhei para a minha imagem refletida no espelho sob o foco das luzes laterais, notei algo diferente no meu rosto. Aproximei-me mais do espelho e toquei com as pontas dos dedos o meu queixo. Ele era partido ao meio, como se alguém tivesse feito uma incisão com um bisturi. Agora ele estava quadrado. Não era só isso. Na intensidade do foco luminoso percebi que havia sob a pele uma cicatriz subcutânea, em desenho circular até os extremos da boca. Massageava a pele. Ela ficava vermelha e a cicatriz não desaparecia. Peguei a toalha de papel e enxuguei as mãos trêmulas. Feito isso, olhei-me mais uma vez de

dados que eu queria. Continuei a andar. Desta feita, em direção aos Correios. Bifurquei-me na direção do corredor onde ficavam as caixas postais. Dentro da caixa havia vários avisos. No balcão, para retirar a correspondência registrada, só tinha que mostrar o número da caixa postal, CPF e Carteira de Identidade. A atendente, ao lado de um computador, sorria. Os seus olhos frios, inexpressivos, fitavam-me.

Novamente na rua, com a correspondência dentro de uma pasta, dirigi-me para o ponto de ônibus urbano. Dentro, a aflição das pessoas à procura de poltronas. A pressa. O frenesi. Na roleta, moedas rolam para pagar o embarque.

Ninguém conversava com ninguém. Eram

em uma maca que percorria corredores iluminados. Enfermeiros de máscaras num ziguezague frenético, cruzava corredores, desviando-se de outras macas, entrando e saindo de elevadores. Até que pararam em frente a uma porta verde-clara. Automaticamente, ela abriu-se em duas e vi vários homens vestidos de branco, com toucas da mesma cor nas cabeças. Eles eram altos e magros, de rígidas musculaturas. Falavam entre si. Trocavam idéias, altercando as palavras. Eu não conseguia identificá-las. Na verdade, nunca as ouvira antes. Eram ríspidos e fazem observações rápidas. Pareciam brigar. Não, não brigavam. Discutiam. Queriam chegar a um consenso. Eu não interferia. Nem sabia do que tratava-se.

A cicatriz circular

frente e perfil. Alguém bateu na porta. Joguei o papel na lixeira. Abri-a e saí para a barulhenta sala de espera. Em meio as outras pessoas desconhecidas, era apenas um ser sem individualidade e uma história pessoal sem relevo.

No torvelinho que se formava nas saídas e entradas dos ônibus, as pessoas procuravam avidamente pelos parentes, amigos e conhecidos – uma referência pessoal. Pelas janelas, rostos surgiam sorridentes, outros tristes e alguns apreensivos. Principei a andar pela lateral direita da Rodoviária até chegar na avenida. Desviar o olhar das vitrines das boutiques para não ver a minha imagem refletida. Persisti em fugir do aglomerado de pessoas nos passeios dos Bancos, óticas e bizarras casas funerárias com urnas nas vitrines. Assim agindo fugia das pessoas conhecidas e das suas perguntas fúteis. Preferia olhar o canteiro verde que separava as duas pistas da avenida; nele, havia uma flor como uma excrescência anatômica e um pássaro estonteado medroso. Na faixa branca, quase apagada, destinada aos pedestres, atravessei, prestando atenção nos carros que vinham a toda velocidade.

Parei no caixa eletrônico do Banco Central, digitei a senha e a máquina devolveu-me os

robôs que se moviam acionados por um mecanismo interno. Quase sempre, a chamada de um telefone celular despertava alguém dessa inércia existencial. Pela janela, vi um painel gigantesco com um relógio digital; abaixo, frases móveis em letras vermelhas, picotadas nas extremidades. Dependendo da distância e do ângulo não se conseguia ler.

Escondi todos os espelhos da casa. No banheiro, coloquei uma toalha no espelho do toucador e, quando uma visita o utiliza, pergunta o motivo. Alego que é para não embaçar na hora do banho. “E quando o banho termina?”. A curiosidade humana é infinita. Respondo que a mantenho para absorver o vapor.

A verdade é que nas minhas horas noturnas, o terror toma conta de mim. Ouvindo a minha respiração em contraste com o som mumificado da noite, toco o meu rosto, pescoço, braços e tórax, com medo. Eu não conseguia lembrar-me com exatidão em qual determinada noite o invasor surpreendera-me.

Recordo-me que recolhi-me às onze horas da noite. Deixei a cortina azul-anil aberta. Queria apreciar o cinza noturno. Por essa hora, salpicos de claridade do dia misturavam-se clareando o início do anoitecer. Adormeci e sonhei. Estava

Tampouco perguntavam-me alguma coisa. A sala era da cor de casca de ovo. As janelas de vidros brancos, espessos, ogivais, intercalavam-se num espaço generoso.

Acordei em meu quarto, na minha cama. Olhei para a janela e o negror da noite era intenso. O relógio soltou um estalo. Ele estalava quando marcava três horas. Resolvi-me na cama recordando o estranho sonho que tivera. Sonhos são sonhos. Não há lógica nos sonhos. As pessoas afirmam. Na vida em muitas ocasiões não há razão, discernimento. As coisas simplesmente acontecem.

Só perceberia a cicatriz circular meses depois, num simples sanitário de Rodoviária. E agora? Tirar novas fotos para novos documentos? Oficialmente, não recebera nenhuma notificação determinando uma segunda via dos meus documentos. Ninguém olhava para as fotos. Queriam era saber dos números. E eles estavam exatos!

Decidi limpar a casa. Os objetos indesejáveis misturaram-se durante dias e transformam-se em lixo. Peguei a escada e coloquei-a junto à estante. Tateava a mão por cima de outros livros, pastas e agendas antigas para alcançar um jornal velho. Subitamente, a minha mão

resvalou e um livro caiu. Não era um livro. Era o álbum de fotografias. Estatelou-se no piso e abriu. Foi quando vi o retrato da outra pessoa. Descida escada, abaixei-me e peguei o álbum. Olhei o retrato fixamente. Lá estava nas cores preto e branco o rosto com o queixo quadrado. A figura, sentada, estava com as mãos pousadas sobre uma mesa pequena coberta por uma toalha de linho branco bordada, ao centro um pequeno vaso de flores. Olhei a fotografia com

mais rigor. Não era só o queixo que era idêntico ao meu. Não havia percebido outros detalhes. As mãos de dedos longos e finos eram semelhantes às minhas. Também as sobrancelhas, os ossos frontais e o desenho do nariz. Olhei o dorso do retrato para ver se havia alguma data. Havia. Mas estava apagada. A tinta secara e desbotara perdendo a nitidez.

Decidi colocar o retrato numa moldura e pendurei-a na parede. Fitei-a. Destoava no

tempo e espaço. Deixei que permanecesse.

Recebi a visita de um amigo. Assim que entrou em minha casa olhou o retrato e observou: “Você está bem nessa foto. Tinha de ser preto e branco?”. Não respondi. Apenas desviei o tema, abordando banalidades.

Nos dias subsequentes, outras pessoas vieram visitar-me. Uma delas disse: “A fotografia está amarelada. Parece antiga. Percebeu? Se eu fosse você mandava retocar.”



Samuca Martins

LUCIENNE SAMÔR

mineira de Conselheiro Lafaiete, é autora do livro de contos O olho insano (Editora Interlivros, 1975)

Viagem entre línguas e culturas



PRISCA AGUSTONI SE APRESENTA

Um redemoinho.

Essa é a palavra da qual mais gosto para definir meu percurso no universo da poesia. Isso mesmo, um redemoinho de sendas misturadas, de línguas entrelaçadas, de fronteiras (culturais, simbólicas e linguísticas) deslocadas uma, duas, três, mais vezes. Um sentimento de estranhamento em relação à ideia de “pertença”, “raiz”, “identidade fixa” me habita, mas, ao mesmo tempo, paradoxalmente, uma constante tentativa de fixar-me em alguma imagem, numa palavra que, misteriosamente, puxa outra, e outra, e outra, e se fixa no papel ... pois, em mim, a poesia nasce como um ato de escuta interior, um olhar oblíquo sobre a realidade; como o resultado de um movimento de atenção, como se essa capacidade nascesse de um órgão escondido. Trata-se, melhor, de um estado de alerta, no qual sensibilidade, reflexão e algo de obsessão participam para capturar os mínimos detalhes que se tornarão, no papel, na voz e no pensamento, imagem, som, desenho, movimento. No começo, a poesia nasce em mim a partir de uma pergunta não respondida, como um vetor que circula no ar a esmo sem pousar. A reflexão entra, pois, para dar palavras e contornos a esse vão aberto na sensibilidade.

Escrevo com prazer desde sempre. Escrevo com consciência de que isso precisa tomar uma forma e uma voz autônoma e precisa ser esculpido dia após dias como a matéria bruta, desde os 18 anos de idade. Porém foi somente em 1999 que publiquei minha primeira coletânea de poemas, muito estimulada pelo poeta e companheiro de vida Edimilson de Almeida Pereira. Antes disso, eu só queria saber de pintar e de me tornar artista plástica...

Em 1999, quando eu ainda morava na Suíça, em Genebra, onde estudava Letras Hispânicas e Filosofia, decidimos, Edimilson e eu, publicar uma coletânea em parceria (a única, até hoje!), com 15 poemas de cada um. Os meus, em italiano, os dele, em português, acompanhados pelos lindos desenhos do artista mineiro Dnar Rocha. Desse projeto nasceu TRADUZIONI TRADUÇÕES (BH, Mazza, 1999). Apesar de ter sido formada, poeticamente, dentro da tradição italiana, que é a minha cultura de origem (embora minha língua materna seja uma mistura de dialeto lombardo com dialeto do norte do Ticino, os dois falados desde sempre em casa, respectivamente, pelo meu pai e pela minha mãe), a cultura italiana não foi a única influencia marcante da minha juventude. A poesia hispânica atuou com força em minha formação, desde os 15 anos, e me levou pela mão durante os anos da trajetória universitária, que realizei em Genebra, onde também passei a ler com paixão os poetas franceses, os russos, os alemães, os próprios suíços dos quatro cantos do país, etc... César Vallejo, Nicolás Guillén, García Lorca, Alejandra Pizarnik foram leituras que me marcaram tanto quanto Montale, Sereni, Caproni, ou ainda Baudelaire, Cendrars, Mechonnic, Celan, Bachmann, Cvetaieva, que lia entre uma aula e outra de narrativa do regionalismo mexicano, literatura antiescravista cubana, etc... Nesse período intensificaram-se as leituras de literatura brasileira, tanto na poesia quanto na prosa.

Por isso, considero que minha formação (como leitora, como poeta, como acadêmica) foi híbrida, e esse hibridismo me concedeu, na realidade, uma grande liberdade para viajar entre as línguas e entre as culturas.

Em 2000, publiquei, pela Mazza Edições de Belo Horizonte, *Inventário de vozes*, em versão bilíngue (italiano-português). A partir desse livro, começou meu percurso também como tradutora e auto-tradutora de mim mesma.

Em 2002 saiu, sempre pela Mazza, uma coletânea que considero central na minha trajetória: *Irmãs de feno* (bilíngue) na qual reconstruo, em versos, a história de jovens suíças da minha região que, no início do século XX, foram enviadas para regiões interioranas do país, onde se falava alemão ou suíço alemão, para aprenderem a costurar. Essa experiência causou forte impacto naquelas jovens mulheres, tanto pelo choque linguístico quanto pelo fato delas viverem praticamente confinadas em conventos onde as freiras não lhes concediam nenhuma liberdade.

Em 2004, lancei uma série de poemas escritos em espanhol, *Días emigrantes y otros poemas*, uma experiência, essa do espanhol, que foi retomada em 2010 com a publicação de uma suíte de poemas (*De cuerpo abierto*) na revista mexicana *Punto y línea*.

Em 2007, publiquei, desta vez na Suíça, a coletânea *La morsa*, cujo tema central é o deslocamento geográfico, emocional, simbólico. No mesmo ano, saiu pela Editora Nankin de São Paulo, a coletânea de contos *A neve ilícita*.

Em 2009 foi editado, em Lisboa, pela Pasárgada, o livro *A recusa*, aos cuidados do editor, poeta e fotógrafo Ozias Filho, e em 2010 na Suíça, *Casa delle ossa* (cuja versão brasileira está no prelo pela Sans Chapeau, de Juiz de Fora).

Em 2011 editei pela Sans Chapeau a coletânea *A morsa*, numa feliz traição cometida por mim mesma à versão original de 2007, que saiu na Suíça.

Em 2012 inaugurei uma parte importante da minha trajetória com a poesia, publicando a primeira coletânea escrita em francês. Saiu, em Genebra, pela Editora Samizdat, *Le déni*, talvez a publicação que maior alegria me deu até hoje pelo sentimento de superação que isso representou. É verdade que morei 10 anos em Genebra, uma cidade pela qual nutro uma intensa paixão. Portanto publicar em francês e por uma editora tradicional de poesia de Genebra foi para mim algo inesperado. Mais ainda quando penso que esse primeiro milagre será seguido por outro, em abril-maio de 2015, quando a mesma editora lançará a coletânea que está no prelo, *Un ciel provisoire*. As ilustrações estão a cargo do artista ítalo-suíço Davide Giovanzana, que mora na Finlândia.

Ano passado, em 2013, foi publicada na Itália uma antologia de meus poemas, percorrendo essa trajetória algo fragmentária e espalhada entre vários países, dois continentes e quatro idiomas. Essa publicação, *Poesie scelte 2000-2012* (Ladolfi Editore, 2013), foi e é muito importante para mim, pois me permite uma efetiva “presença” no panorama poético italiano com um livro que reúne os meus primeiros 10 anos de trabalho com a poesia.

Esse ano publiquei na Suíça uma coletânea de prosas breves, *Cosa resta del bianco* (Capelli Editore, 2014), com o apoio da Fundação Suíça pela Cultura Pro Helvetia.

Um redemoinho. Um redemoinho onde as línguas e as culturas a elas atreladas me envolvem e me chamam a quebrar algumas regras: ousar escrever “na língua do outro”, esse outro que sou eu também, e escancarar, sem medo, a confissão da traição. Aquela que fica gravada para sempre na página de um livro, e que não aceita retratações ou pedidos de desculpas. A traição que se comete sem sentimentos de culpa e que é, na minha visão, o caminho mais firme para a liberdade.

Pois, desejar a liberdade, para um artista-escritor-intelectual, continua sendo, para mim, uma utopia desejável, cotidiana e necessária.

RUBRAS VELAS

*"Do come see my poetry
sit for a portrait"
Amelia Rosselli*

: quebrou-se o feitiço
como varinha mágica
que gira no ar sem rumo,
quebrada a cortiça do sorriso:
o amor um laço que aperta
e espreme algo inchado
que não se sabe o que é

*

há uma fenda na xícara
a flor descolora e o café não
sempre está quente e doce e perfumado
como deveria, a mão que
se move em sua direção é a mesma,
menos firme, talvez, mais madura

*

surge no canto do olho
na mão aberta para mim
imóvel enquanto em nós o inverno queima –
não fala mas faz uma dobra
no alvo que eu não soube colher

*

se digo que não sei
onde fica o coração
: acredita, a cabeça cogita
equações perfeitas
parábolas de alegria

mas não é somente ali
onde apostamos nossa paz

*

é preciso procurar
a derrapagem do sorriso
na rapidez como pausa
o olhar sobre as coisas
- como a não querer vê-las

*

a casa hospeda sombras,
fantasmas atrás das varandas
onde plantas e flores descobrem
cruéis brotos de candor,
enquanto no porão
sílabas de vidro
sugam a luz que virá:

tantas e tantas portas mas nenhuma chave

PRISCA AGUSTONI

nasceu em Lugano, na Suíça, e vive atualmente em Juiz de Fora (MG). Publicou os livros de poesia *Inventário de vozes* (2001), *Sorelle di fieno* (2002) e *Dias emigrantes* (2004) e o livro de contos *A neve ilícita* (2006).

SANATORIUM

CONTO DE CARLOS ROBERTO PELLEGRINO

Cansado da angústia moral e certezas metafísicas, ou coisa que valha, decidi por um ponto final nos meus dias. Não há mistérios para esta escolha, a opção pela morte é única e em certos casos irreversível. Basta uma porção a mais de sonífero para que tudo acabe civilizadamente, limpo. Se é que de algum modo se morre civilizadamente. Mas este é o meu fim.

Para me convencer dos motivos que me levaram a esta determinação mergulhei de cabeça nas regiões apavorantes da mente, onde a razão humana se confronta com as emoções insondáveis. Nessa busca encontrei motivos determinantes, embora há quem os admita dentre os mais frágeis. Fato é que, no momento, me disponho a cumprir a disposição inexorável de morrer.

Em certo momento me faltou a coragem necessária, o que me levou ao desconsolo. Não me imaginava fraco. Depois me sobrou vergonha pela covardia diante da escolha feita, tudo para preservar os meus amigos de argumentos emocionados, o que, certamente, haveria de acontecer até mesmo por força das circunstâncias, embora eu as desconhecesse. Não faço a mínima idéia dos motivos que me levam a esse desatino. Não há amor ferido ou coisa parecida. As contradições não passam de crença em falsas premissas que se mostram como verdades definitivas ou verdadeiras mentiras, reconheço. Decididamente, esta não é a melhor das soluções, mas à falta de outra é a que prevalece, pelo menos por agora.

Pelo curso natural das coisas, resta-me ainda, no crédito existencial ou seja, uns anos de vida a mais, e nem por isso deixo de pensar em tolices.

Tudo começou quando afrouxaram a vigilância sobre mim. Passei a dirigir a minha própria vida, os meus pensamentos e desejos. Pude entrar e sair de casa, livremente, sem controles. Minhas escapadas diárias tornaram-se mais frequentes. Podia visitar meus amigos judeus a qualquer hora. Mas eu não podia alcançá-los na leitura da torá, e, por isso, deixava-me evoluir lentamente nas lições do velho Ben-zainum. Por ocasião de uma visita não me faltou coragem para ingerir os comprimidos

do frasco de uma só vez. Despertei três dias depois numa cama de hospital ligado a sondas e luzes intermitentes que monitoravam meus sinais vitais. Passei a ser alimentado com uma mistura de líquidos intragável que me fazia vomitar o dia inteiro, o gosto amargo da morte interrompida.

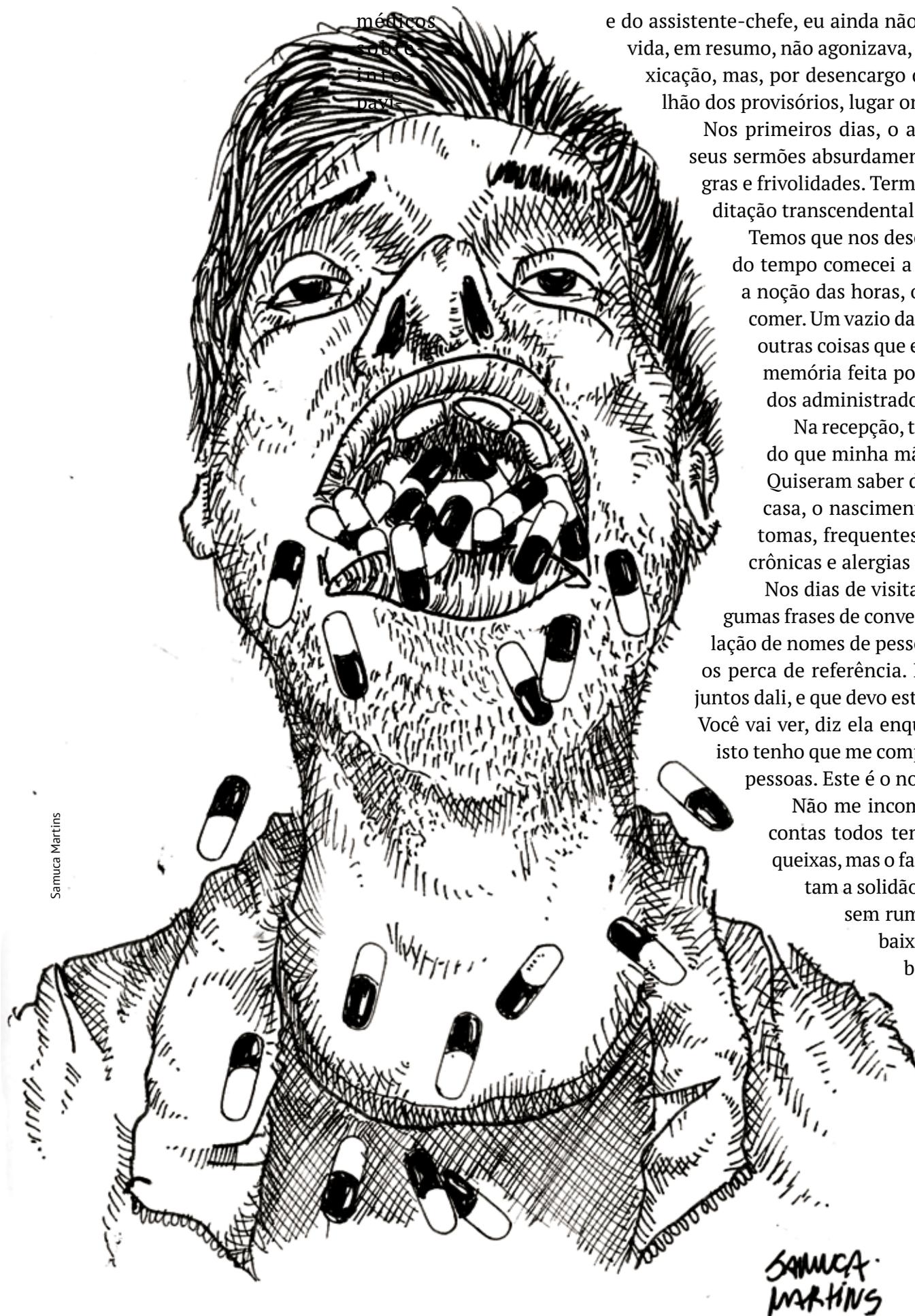
Depois vieram os sintomas do desarranjo, com frequentes dores de cabeça e enjoo constante. No laudo do atendimento constou apenas o diagnóstico de ligeiro mal-estar, um incômodo gástrico, foi o que disseram, sem que tivessem aprofundado no exame. Em seguida a esse distúrbio inocente, comecei a sentir meus olhos arderem como brasas em ambientes com insolação intensa, o que me obrigava mantê-los fechados. A cabeça parecia arrebentar e a angústia das noites de insônia me faziam mergulhar num estado de agitação estéril, banhado de suor. Nessas ocasiões eu me trancava no quarto escuro e não saía para nada. Comecei, então, a compreender a certeza e a dimensão exata do meu gesto tresloucado.

Com pouco mais passei a vivenciar uma verdadeira aventura operística, cujo drama estava prestes a começar.

(Personagens centrais: eu, o médico, o atendente forte e mal encarado, vezeiro a truculências, e minha querida mãe, sempre dedicada.)

As enxaquecas me tornam agressivo, irritadiço. Até então nada de mais extraordinário que indique um tratamento capaz de amenizar o meu desconforto.

Certa vez, no auge de uma das crises, não me recordei quando, houve quem sugerisse que me internassem por uns tempos no sanatório ao lado de casa, não mais distante que um muro de separação. Era mais cômodo e minha mãe poderia me visitar a qualquer hora. Eu nunca havia estado lá, nem para conhecer as instalações. De imediato não gostei da idéia, e nem mesmo me dei ao trabalho de responder. Francamente, não via motivo tão agudo para me misturar ao bando de mentecaptos desvairados. Minha sociopatia não estava a requerer tratamento com eletrochoques. Pelo desprezo dos olhares dos



Samuca Martins

e do assistente-chefe, eu ainda não havia alcançado o derradeiro estágio da vida, em resumo, não agonizava, apesar da aparência funesta por causa da xicação, mas, por desencargo de consciência, fui deixado num leito do lhão dos provisórios, lugar onde acomodava os recém chegados.

Nos primeiros dias, o administrador-chefe nos intoxicava com seus sermões absurdamente intermináveis, no qual desenhava regras e frivolidades. Terminava por nos recomendar seções de meditação transcendental. Devíamos ser atentos e pacientes.

Temos que nos descobrir a nós próprios, dizia. Com o passar do tempo comecei a perder algumas referências existenciais, a noção das horas, os períodos de repouso, a necessidade de comer. Um vazio da mente para os nomes de alguns objetos, e outras coisas que eu aprendera superar recorrendo à lista de memória feita por minha mãe e entregue longe dos olhos dos administradores do sanatório.

Na recepção, tive que preencher um extenso formulário, do que minha mãe se encarregou. Não quis me aborrecer. Quiseram saber detalhes sobre o meu comportamento em casa, o nascimento, mês, dia, ano, grau de instrução, sintomas, frequentes (as minhas dores de cabeça), moléstias crônicas e alergias a medicamentos.

Nos dias de visitação, minha mãe insiste que eu repita algumas frases de conveniência, como ela diz. Trata-se de uma relação de nomes de pessoas e objetos perniciosos para que jamais os perca de referência. Depois me promete que ainda sairemos juntos dali, e que devo estar sempre preparado para esse momento. Você vai ver, diz ela enquanto enfatiza o compromisso, mas para isto tenho que me comportar civilizadamente em meio às outras pessoas. Este é o nosso segredo, a boa convivência.

Não me incomodo com reclamações alheias. Afinal de contas todos temos as nossas idiosincrasias, as nossas queixas, mas o fato é que os meus companheiros não suportam a solidão. Sinto muito vê-los na caminhada, vazios sem rumo certo, de um lado para o outro, cabeça baixa e roupas em frangalhos. Soube que também gritam durante a noite, enquanto nós dormimos sob o efeito de sedativos.

Conheci um bom rapaz, mas não sinto pena dele. Não posso livrá-lo deste infortúnio. Não calo a boca de quem grita. Dizem ofensas horríveis atiradas a todos.

Evito o quanto posso as imprecações. Fico no meu canto esperando que me dirijam gestos amistosos. Quando notam que não estou entre eles agitam os braços para que os perceba.

Para os que fazem por merecer maior consideração dos atendentes, são-lhes reconhecidos obséquios excepcionais, como a entrega de talheres de metal para as refeições e copos de vidro. Alguns se distraem com seus insetos. Passam horas a alimentá-los com restos de comida e miolo de pão. O diretor-geral recomendou apenas extremo zelo para que não escapem das suas caixas, sobretudo as baratas, que trazem nos bolsos dos casacos prevenindo para que não sejam esmagados por pés incautos. Ontem recolheram dezenas de salamandras marrons. Dizem que trazem fortuna aos quem as ouve cantar. Não são tolerados grilos repugnantes nem percevejos verdes.

No sanatório os dias são proporcionais às horas do recreio. Assim confundimos o dia com a noite porque nunca sabemos exatamente as horas, daí a proporcionalidade.

Ao término do recreio, sem que haja ordem, organizamo-nos, imediatamente, em fila indiana, cansados e silenciosos. Ao comando do diretor-geral cada qual busca o seu pavilhão duas vezes ao dia, os administradores, aos gritos, conferem o número dos internos nos seus leitos antes de trancarem os cadeados.

Ultimamente não encontro ânimo para sair do meu quarto. Por ordem expressa do agente supervisor, posso demorar mais tempo deitado, olhando o teto branco enquanto aproveito para imaginar desenhos e o malabarismo das aranhas pendentes nas teias finas. Tenho pensado em procurar o diretor-geral para entregar-lhe uma petição circunstanciada dizendo-lhe poucas e boas, as verdades que me vêm à mente, como banimento de métodos truculentos contra as constantes manifestações de fúria dos mais exaltados, cobrar-lhe atenção nos horários de visitação e tolerância no controle dos nossos insetos. O diretor-geral é uma pessoa afável e simpática, e se esforça para parecer solícito.

Hoje tive uma noite pesada. Não tomei um tranquilizante. Erro fatal. Minha noite foi tumultuada por figuras diáfanas, na credulidade dos doentes mentais. Mas agora estou melhor, com novo ânimo para o dia. Aprendi suportar as traições que me fazem quando me atacam nos pontos mais frágeis, durante o sono, por

exemplo, mantendo a luz acesa. São pesadelos aterrorizantes.

Da minha infância lembro-me perfeitamente do ataque maciço que sofri de centenas de assombrações. A custo, mantive o equilíbrio emocional e a lucidez aparente. Não houve quem me socorresse. Minha mãe estava passando uns dias na casa da praia. Foi horrível e sempre as dores de cabeça.

A primeira crise se manifestou há uns três meses e foi facilmente superada, embora tenha me custado absoluta disciplina, inclusive alimentar, com abstinência de carnes vermelhas e frutas ácidas. Em fins de dezembro, tudo voltou à normalidade. Em janeiro retomei as minhas funções.

Em maio começou a segunda crise, e dura até hoje. Duas curtas temporadas recolhido em meio aos companheiros de infortúnio.

Nossos encontros são frequentes, quando analisamos nossas condições físicas e mentais, embora nunca tenhamos chegado a alguma conclusão razoável sobre as inquietações. A grande conclusão a que cheguei foi o quanto eu ignorava que pudesse haver antagonismos também entre famílias de bom nível. São fatores psicossociais já considerados pelos eruditos do socialismo. E outras descobertas irrelevantes. Não fazia a menor idéia das verdades sobrenaturais que me impõem e eu aceito passivamente. Certa vez chegamos a comentar isso com o capelão, por ocasião de sua visita semanal de conforto. Ele não gostou nada do que ouviu, principalmente de mim. Chamou-me de subversivo, marxista. De fato tenho me dedicado à leitura revolucionária. Inclusive, durante as crises estive especialmente impressionado com novas experiências terapêuticas que não atendem as condições sociais dos internos. E nós vivemos um regime comunitário, sem cismas. Basta que confiemos mutuamente no companheiro mais próximo.

Tenho me dedicado a considerar sobre a conveniência e a inconveniência das mentiras piedosas, método utilizado pelos novos psicólogos para a identificação de problemas emocionais crônicos. Trata-se de uma hipótese fática criada a partir de informações que o paciente transmite inconscientemente ao

analista. Conhecida essa premissa, são formulados argumentos resistentes a contrariedades. Mas são muitos os distúrbios, o que nos leva a pensar em alternativas nem sempre ortodoxas. Ao proporem alguma mentira piedosa devem observar a mais extrema circunspeção. Ora, no que me concerne, os administradores do sanatório devem se abster de expedientes comprovadamente perigosos. Temos que reconhecer que essas características são próprias aos espíritos elevados, com inteligência e perspicácia excepcionais. Verdadeiramente, o que eu proponho sobre a eficiência terapêutica das piedosas mentiras diz respeito, por exemplo, à minha experiência por ocasião da intoxicação pelos odores exóticos dos incensos orientais. Por causa disto houve um conflito de diagnósticos que me deixou prostrado por um par de dias. Passei por crises constantes de vômito e outras alucinações. Teria certamente podido me entregar a certas fixações hipocondríacas que são do meu domínio seguro.

Me preocupa a significativa perda de peso. Tenho me alimentado mal e porcamente. Meu emagrecimento sem motivo tem causado preocupação à minha mãe, pobrezinha, coisa que quero evitar em razão da sua idade avançada. Tem medo de que eu tenha contraído alguma coisa mais grave, além da pneumonia. Definho a olhos vistos. A balança me persegue, me martiriza, agora minha mais nova inimiga. Não tenho boas lembranças dos últimos favores que me prestou. Desconfio de todos por não me terem deixado aprender como funciona aquele mecanismo intrincado que serve para pesar os doentes e todo o pessoal do ambulatório. Esses são os detalhes que mais me aborrecem e os tenho por relevantes para a minha recuperação física. Não podemos deixar tudo à conta do diretor-geral, homem ocupado. O essencial é, enfim, que eu seja entregue recuperado ao convívio da minha família.

CARLOS ROBERTO PELLEGRINO

mineiro de Belo Horizonte, é o autor dos contos de *Do lado de lá* (Edições Oficina, 1970) e dos poemas de *O sentido das horas* (2014).

Relatos da infância em contos de LUÍS BERNARDO HONWANA

Inventários topográficos, corpos e modos de narrar

RICARDO IANNACE

JOSÉ NICOLAU GREGORIN FILHO

Introduzem-se no livro de contos do moçambicano Luís Bernardo Honwana, intitulado *Nós matamos o cão-tinhoso*, de 1964, duas intrigas com vistas às quais nos propomos a examinar a voz e o olhar da criança em solo africano. Trata-se dos entrecos “As mãos dos pretos” e “Inventário de imóveis e jacentes”.

O volume reúne histórias de temática notadamente social. Em cada relato, denuncia-se a exclusão, descrita a partir de vivências intrínsecas a contextos nos quais o rebaixamento moral ganha figuração muito singular; as experiências traduzem a fragilidade e a intimidação de personagens em face de um regime político marcado pela injustiça e opressão, a considerar o abuso de poder advindo de homens austeros – senão truculentos – que gozam de certo prestígio e posição. Os sete registros assimilam essas proibidades com grave latitude estética, e tal predicado justifica a canonicidade da obra no âmbito das literaturas de língua portuguesa em África.

Honwana nasce no ano de 1942 em Lourenço Marques, atual Maputo. Aos vinte e dois anos, vê publicada esta sua coletânea. A primeira edição de *Nós matamos o cão-tinhoso* insere alguns dados de ordem pessoal. O escritor, em nota, afiança que cresceu numa família de oito filhos, na província chamada Moamba – o pai trabalhava como intérprete na Administração, e a mãe, como doméstica. Conta que, aos dezessete, segue em direção à capital, matricula-se no Liceu e estuda, a seguir, jornalismo (chega a inscrever as suas pinturas em exposições de arte). Não será Honwana, e sim a sua biografia, que revelará a militância do jovem, nesse período, junto à Frente de Libertação de Moçambique, em prol da independência da colônia do velho e dinástico Portugal. É detido em 64, condenado a três anos de prisão. A propósito, uma parte desse seu único livro é redigida no cárcere.

Os contos ilustram expedientes injuriosos a que se submete expressiva parcela de moçambicanos. Assomam-se às narrativas ora o desassossego do moleque que não encontra coragem para livrar-se da participação no extermínio de um vira-lata tihoso que incomoda autoridades do lugarejo e escola locais; ora, no texto “Dina”, a exploração sexual de que é vítima a filha de Madala, sujeito idoso cujo trabalho se dá na colheita de milho, sendo ele conivente com o assédio que o patrão branco exerce sobre a moça; ora, em “A velhota”, a representação da escassez da comida (“arroz e caril de amendoim”), mediada pela violência física e humilhação; ora, em “Papá, cobra e eu”, o tom imperativo na fala da matriarca que a todo o custo impõe valores e protocolos burgueses à família, na esperança de elevar a imagem da prole na comunidade; ora, em “Nhinguitimo”, a luta vã de um negro impossibilitado de acumular rendimentos por meio do trabalho. Todos esses eventos refletem outra dicotomia: o autor traz à sua malha verbal – formulada em português culto, padrão – índices da língua ronga, sublinhando diferenças também idiomáticas num mesmo perímetro geográfico.

Estas são as palavras do crítico português Manuel Ferreira (1986, p. 103):

Excelente narrador, experiência vivida na sua própria condição de negro, Luís Bernardo Honwana, apesar de sua juventude (as narrativas foram redigidas, cremos, por volta dos dezoito anos de idade) faz do universo moçambicano o centro da análise de suas narrativas. A relação dialética colonizado/colonizador é dada pelas formas mais subtis. (...) Situações de exploração, de incompreensão, de injustiça, de alienação, desalienação, e do sonho e da esperança.

A voz que rege o conto “As mãos de pretos” é a de um menino. Nesta primeira pessoa do discurso rememoram-se ocorrências nas quais a criança, em contato com adultos, recebe informações jocosamente distorcidas do porquê os negros têm as palmas das mãos brancas. A brevidade não impede o escrito de reter os graus de preconceito envoltos na questão que aflige o narrador.

A estrutura é sugestivamente espiralada. Nela se enumeram oito casos explicativos, relacionados ao então fenômeno que confere título à trama; enunciada de modo muito direto, potencializa-se aí a manutenção dos juízos de valor segregativos, portanto discriminatórios, presentes à fala de personalidades públicas mencionadas no texto.

De saída, surge-lhe à lembrança o pronunciamento do “Senhor Professor”, a comentar em sala de aula que a brancura na palma das mãos dos pretos se deve ao fato de, há poucos séculos, os seus avós andarem “com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato”. Com isso, o restante do corpo escurecia, em desproporção a elas. A seguir, é a vez de o narrador reportar-se ao “Senhor Padre”, que durante a catequese reprendera a todos, dizendo que “até os pretos” eram superiores a eles, e que a clareza das mãos condizia com a posição de mantê-las unidas ao rezar.

Curiosamente, as instituições Escola e Igreja, nas pessoas do professor e do padre, são as primeiras a se manifestar. Ao designarem o saber, o poder e a tradição (mesmo porque tais entidades dispõem do *status* que as autoriza a fundar e a propagar princípios éticos e morais), atestam o equívoco e o engano atinentes à pigmentação, intensificando a obscuridade acerca do lugar histórico destinado àqueles cujas mãos, incansáveis e castigadas, sempre estiveram a servir. Aliás, Dona Dolores, quando consultada, afirma que a brancura nas palmas caracteriza a limpeza – Deus assim as fizera para evitar que sujassem a comida dos patrões, ou mesmo maculassem qualquer objeto de que se exige o asseio.

Quem fará troça da personagem-narrador é o Senhor Antunes, que trabalha para a Coca-Cola e abastece as cantinas da vila com os refrigerantes. A versão que oferece é pilhérica. Segundo ele, “Nosso Senhor, Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro”, além de outros santos, anjos e almas que habitam o céu, um dia resolveram confeccionar os pretos, colocando barro em “moldes usados” e levando-os aos “fornos celestes”. Depois de cozidas as criaturas e dependuradas nas chaminés, o fumo contínuo as teria escurecido como carvões. E as mãos, por estarem agarradas, enquanto o resto do corpo se entregava à ação do fogo, teriam ficado intactas. Seu Frias, porém, aposta que Deus, após criar os homens, ordenou-os a se banharem no lago do céu. Os negros, como foram concebidos de madrugada e fazia frio, molharam tão somente a palma das mãos e a planta dos pés.

É possível observar que, tanto na fabulação do funcionário representante da Coca-Cola, a empresa multinacional norte-americana, quanto na fabulação do Seu Frias, uma pátina de indiferença recai sobre os pretos: quer formatados em “moldes usados”, passando horas a fio no fogo, esquecidos, quer inventados por último (não à luz do dia), safando-se sorratamente do banho de corpo inteiro.

O narrador lera que, por andarem curvados apanhando “algodão branco de Virgínia”, conservaram a palma das mãos alvas. Mas Dona Estefânia discorda: crê que a alvura resulta da lavagem excessiva (Calosas e rachadas, essas mãos se associam, na prosa de Honwana, com o trabalho forçado, a vilania e a sujeição; em contrapartida, elas encer-



ram candura. Isso adquire evidência no desfecho do conto, quando o garoto confessa à mãe o que lhe tem chegado como respostas para esse seu estranho e desmedido interesse.).

Depois de a mãe ouvi-lo, e passada a crise de riso, ela apresenta o seu parecer. Para a jovem senhora, Deus, ao criar os negros, não previra que os brancos caçoariam deles e os escravizariam. Por isso, preservou as palmas das mãos claras para lembrar a humanidade de que todos os homens são iguais. Com essas palavras, a mulher toma e beija as mãos do filho; na sequência, ele sai e vai jogar bola – convencido do argumento, mas pensativo, porque “nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido”.

O choro faz-se ambíguo no epílogo do texto. O riso convulsivo parece acompanhar um pranto involuntário, tamanha é a consciência dessa mãe da perseguição e dos maus-tratos que reverberam no seu grupo

étnico. A observação do menino, ao término da narrativa, diz muito a esse respeito – razão por que vincula aquele choro a uma surra desmesurada. Saliente-se que o feixe de casos, isto é, os mitos aí arquitetados, remontam copiosamente a Deus e a divindades cristãs, revelando um paradigma de fé oriundo da religião dos colonizadores. Dessa herança emerge um sentimento de resignação, próprio daqueles que vivem represados. Por outro lado, cada mito, ou, se se preferir, cada uma dessas historietas nutridas de fantasia, cristaliza uma falácia de escopo identitário e cultural (quanto mais se encobre algo que se delinea como tabu, mais se solidifica a ignorância acerca da negritude).

Talvez essa dissimulação suavize uma dor, como se o folclore fabricado em torno da branquura na palma das mãos dos pretos pudesse ocultar explicações paralelas sobre incidentes históricos que poriam em xeque, se repisados, a inocência que muitos acreditam ser essencial à constituição do imaginário da criança. A única personagem que aproxima a História factual da realidade – e ainda assim o faz de maneira elíptica, abreviada – é a mãe do narrador. Veja-se que até o livro manuseado pelo garoto abriga um registro infantilizado (“algodão branco de Virgínia” aderido à pele), alvejando essa parte do corpo que opera como vigorosa metonímia no trecho de Honwana.

Há tempo a ciência elucidada a questão, precisando que a palma das mãos e a planta dos pés carecem das células cujo pigmento é o melanócito; uma vez que tais regiões não ficam expostas ao sol, a produção de melanina se reduz, implicando o clareamento natural dessas extremidades. O conto, ao silenciar as definições no campo dos estudos biológicos, acentua a acústica que espelha a crença popular – o escritor confia à fatura um rendilhado compacto e coeso, e a adensa com repertório de gradação uniforme. Nem por isso o leitor desprezará a pluralidade semântica delegada a esse signo tão particular do corpo humano.

Assentam-se no *Dicionário do corpo*, organizado por Michela Marzano, conceitos vitais para o verbete “mão”. Entre as inferências reservadas à funcionalidade desse membro, está a menção a um fator incontável nas sociedades tecnicistas: a atrofia dos dedos por causa do manejo repetitivo das máquinas e dos inúmeros dispositivos virtuais. À parte, é frisado que esse órgão de versátil articulação, ligado ao antebraço e punho, compõe-se de palma e de “cinco dedos bem distintos: o polegar, o indicador, o médio, o anular e o mínimo. Os múltiplos ossos e músculos da mão tornam-na capaz de uma série de movimentos”; recoberta “de uma fina e macia pele sobre a face dorsal, espessa e almofadada do lado da palma”, ela tem a seu favor a “atividade da apreensão” – o tato, por exemplo: mais apurado “sobretudo nas pontas dos dedos” (2012, p. 613).

As mãos, em si, diferem-se umas das outras. Paul Valéry chega a escrever que essa “‘prodigiosa máquina une a sensibilidade mais variada às formas mais sutis.’” (apud, 2012, p. 614). O dicionário supracitado assegura

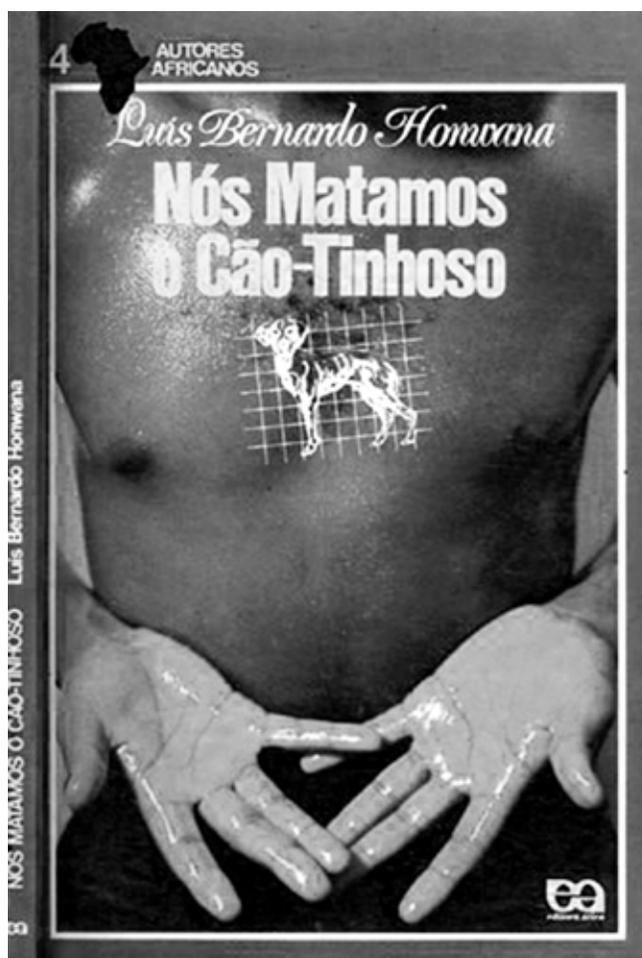
que as suas “singulares características anatômicas” e a “sua extraordinária mobilidade permitem-lhe moldar-se a qualquer objeto, seja segurando firmemente, com a ajuda de ambas as mãos, uma bola da praia, seja segurando delicadamente um grão de arroz entre o polegar e o indicador” (2012, p. 614). E novamente Paul Valéry: “talvez não haja, em todo o reino animal, um único ser capaz de dar um nó em uma corda.” (apud, 2012, p. 614). A interação entre mãos, ferramentas e máquinas converge para atuações no mundo da colheita, da caça, do transporte, da preparação de alimentos etc. Sem que se esqueça de sua *performance* quando da conversação entre surdos-mudos, na escrita e nos desenhos. Para Aristóteles, ela “é o instrumento dos instrumentos.” (apud, 2012, p. 615).

O conto de Honwana, na sua generosa hospedagem de versões embasadas no motivo de as mãos dos pretos se manterem brancas, como uma espécie de anormalidade, admite identificar na intriga o testemunho sociocultural dos excluídos, a perenidade do preconceito e a inocência da criança, para quem a noção de tempo e espaço parece girar em volta das mãos: sinônimo de dúvida, inverdade e mistério – metáfora também da descoberta.

O longa-metragem *A cor do paraíso*, datado de 1999, do iraniano Majid Majidi, ilumina alguns desses aspectos – retrata o cotidiano de Mohammad, menino cego rejeitado pelo pai, que passa as férias na residência da avó. Hashem é viúvo e fracassa ao investir em um novo casamento: atribui ao filho a infelicidade, a pobreza e o infortúnio que incidem na casa e na família; mas, independentemente da falta de atenção e afeto paternos, é pelas mãos que a criança explora a natureza e se deixa evadir. O conhecimento se efetiva pelo tato: apalpa um filhote de passarinho e acomoda-o, às escuras, no ninho; desliza as mãos pela

folhagem, ao brincar com as irmãs no jardim, e apreende a textura dos ramos e das flores; contorna o alto-relevo dos morfemas em *braille* e tem ao alcance dos dedos a leitura. A última cena do filme é indescritível: arrastado pela enxurrada durante a tempestade, o corpo do protagonista reaparece à beira-mar, para o desespero do pai, que o abraça com culpa. Nesse instante, um foco de luz escapa da palma da mão de Mohammad, reanimando-a em sinal de ressurreição.

Se, no conto moçambicano e no vídeo iraniano, a mão figura como peça determinante, em “Inventário de imóveis e jacentes”, a percepção visual é a que prepondera. Este relato de Honwana se apresenta sintético e farto de pormenores. Minimalista e em tom autobiográfico, constrói-se a partir da descrição comentada de uma criança acerca do recinto onde vive com os pais e os vários irmãos. Mais que painel detalhado da arquitetura de uma pobre residência, esse “Inventário...” oferece listagem sistematizada de pertences mobiliários: mesa, cadeiras, camas, berço, colchões, cômodas, mesinhas de cabeceira, cortinas, entre outros artigos, incluindo-se livros e revistas. (Acervo, no fundo, emblemático



da escassez, isto é, da economia minguada, rarefeita, de um grupo que aprendeu a driblar as adversidades e a perseverar.)

O menino dessa história é acima de tudo vigilante. Como o sono não chega e o “ar está pesado” no dormitório cuja porta e janela se mantêm fechadas, e pai e irmãos ressonam, resta ao protagonista recapitular os bens que preenchem o domicílio. Em curto intervalo, o narrador habilitado na arte da contabilização – pois escritura, um a um, os objetos – diz que o *papá* abandona provisoriamente o conforto da cama de casal do quarto vizinho por recomendação do médico, que lhe sugeriu o colchão mais duro. E o leitor é tanto participativo de que esse pai recebera alta do hospital quanto de que passou um tempo na prisão, decerto por perseguição política.

A insônia, aqui, favorece o exercício da narração. Conta-se que, além dos dois quartos, a casa possui outras duas divisões: “a sala de visita e a sala de jantar. Esta última tem as paredes enegrecidas pelo fumo, porque dantes a Mamã tinha ali o fogão, a um canto. É ocupada por 1 mesa já despolida e sem estilo, rodeada por 7 cadeiras, uma de cada espécie”; há um armário e “vários sacos no canto, atrás da porta. Às refeições, como não” cabem “todos à mesa, a Guita e a Nelita sentam-se no chão, viradas uma para a outra e encostadas, uma aos sacos e a outra ao armário” (HONWANA, 1980, p. 36-7).

O estado precário de conservação da propriedade e as cadeiras desiguais, assentos que devem ter pertencido a famílias desconhecidas e ora suprem as necessidades básicas desses moradores, ratificam a marginalidade de personagens, que, embora aglomeradas nesse espaço oclusivo, são passíveis de ascensão. No pequeno corredor da casa, encontra-se uma estante com cinco prateleiras peçadas de livros; no quarto dos pais, estão dois caixotes de madeira com material de desenho e pintura, e outros três, abarrotados de livros; afora demais caixotes contendo brochuras, debaixo da cama onde o pai se encontra instalado.

Sem dúvida, o relato sinaliza a condição dos negros assimilados, na medida em que o crescimento social e intelectual reflete a identificação com preceitos e práticas da classe dominante, consolidando a chamada ideologia do branqueamento. Além dos livros, diversas revistas se distribuem pelas mesinhas da casa: “Lifes”, “Times”, “Cruzeiros”. Na mesa de centro da sala aparece o “Reader’s”: “Papá diz que é uma porcaria”, afirma o narrador. Some-se a isso um dado interessante: no armário da cozinha consta a inscrição a lápis do nome “Elvis”; uma das irmãs ali o escreveu. Tal marcação se anuncia como rubrica inteligente nesse “Inventário de imóveis e jacentes”, senha por meio da qual se reitera a crítica aos referenciais estrangeiros em terras moçambicanas. A citação ao “rei do rock” e *pop star* do cinema norte-americano reafirma, no conto, a denúncia à industrial cultural – uma ameaça corrosiva às raízes locais.

A narrativa, em seu talhe enxuto, sincroniza perspectivas de alvenaria com objetos mobiliários reveladores da privação econômica de uma família. Esse recorte do coletivo suscita correlação com fotografias de Sebastião Salgado. O premiadíssimo brasileiro, nascido em 1944 e autor de vários álbuns – entre eles, *Terra*, de 1997, e *África*, de 2007 –, projeta nos seus instantâneos a pobreza e o martírio dos trabalhadores, sobretudo os das zonas rurais.

Estas imagens, em preto e branco, flagram pais e filhos em contextos desoladores. A câmera de Sebastião avista, também, os interiores das casas com paredes descascadas ou sem o reboco; focaliza móveis

e utensílios velhos, corpos seminus de crianças que, ao olharem para as lentes do aparelho, consentem que os contornos de sua infância se eternizem na película. Em paralelo, mãos e pés de pretos ganham materialidade nessas extraordinárias iconografias.

Finalizando, os contos de Luís Bernardo Honwana, traduzidos em muitos idiomas, enredam sensibilidade e engajamento; saltam de suas páginas questões de alta complexidade sobre a percepção da criança.

O menino Luís Bernardo (dos desenhos e tintas) cresce e vai estudar no Liceu, ingressa no jornalismo e envereda para a literatura; depois, assume cargos importantes em setores do Governo, após a independência política de Moçambique – e hoje atua como Secretário de Estado da Cultura em seu país.

REFERÊNCIAS

- 1 *A COR do paraíso*. Direção: Majid Majidi. Irã: Varahonar Company, 1999. DVD Color 86 min.
- 2 FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa II*. 2.ed. Lisboa: Ministério da Educação e Cultura, 1986.
- 3 HONWANA, Luís Bernardo. *Nós matamos o cão-tinhoso*. São Paulo: Ática, 1980.
- 4 LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.
- 5 MARZANO, Michela (Org.). *Dicionário do corpo*. Trad. Lucia Pereira de Souza et. al. São Paulo: Edições Loyola; Centro Universitário São Camilo, 2012.
- 6 SALGADO, Sebastião. *Terra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- 7 _____. *África*. Lisboa: Taschen, 2010.
- 8 SARAIVA, Sueli. Desventura e rotina: Luís Bernardo Honwana e o mito do lusotropicalismo na África. In: CHAVES, Rita Chaves; MACÊDO, Tania. (Orgs.). *Passagens para o Índico: encontros brasileiros com a literatura moçambicana*. Maputo: Marimbiq, 2012, v. 1, p. 287-303.
- 9 STEINER, Denise. *Pele negra*.

Texto apresentado no X Deutscher Lusitanistentag, congresso realizado no Instituto de Romanística da Universidade de Hamburgo, Alemanha, em outubro de 2013.

RICARDO IANNACE

Pesquisador do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Professor na Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo. Autor, entre outros, de *A leitora Clarice Lispector* (Edusp, 2001) e de *Retratos em Clarice Lispector: literatura, pintura e fotografia* (Ed. UFMG, 2009).

JOSÉ NICOLAU GREGORIN FILHO

professor na Universidade de São Paulo, junto ao Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Autor, entre outros, de *Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores* (Melhoramentos, 2009) e de *Literatura juvenil: adolescência, cultura e formação de leitores* (Melhoramentos, 2011).

SÁBATO MAGALDI,

UMA VIDA PELO TEATRO

Há quem conte que em 1953, ao voltar de Paris, onde passara um ano como bolsista de Estética do governo francês, o então jovem crítico Sábado Magaldi encontrou, já na pista do aeroporto do Galeão, no Rio de Janeiro, o amigo Nelson Rodrigues – e a primeira frase que ouviu dele, disparada com insopitável ansiedade, foi esta pergunta: “Você ainda acha que eu sou bom?” Inseguro e carente, Nelson tinha receio de que Sábado, tendo passado meses a estudar os gigantes do teatro universal, pudesse ter reavaliado para baixo a obra do autor de Vestido de noiva.

Lenda ou não, a historinha comprova o quanto Sábado Magaldi, mineiro de Belo Horizonte (1927) já era, àquela altura, um crítico ouvido e respeitado, reputação que o passar dos anos consolidaria. Durante décadas, até o final dos anos 1988, não deve ter havido no eixo São Paulo-Rio estreia teatral relevante em que autores, diretores e atores, além do público, não tenham vivido a expectativa de saber o que iria dizer o Sábado Magaldi.

Poucos de seus confrades, na verdade, estavam equipados como ele para formular juízo certo a respeito de montagens teatrais. E não era só. Sábado, hoje aposentado, ficaria sendo mais do que um crítico sensível, atento e bem informado. Detentor de importantes prêmios, sua contribuição, que entre outras honrarias lhe valeu consagrada eleição para a Academia Brasileira de Letras, compreende também dúzia e meia de livros que se tornaram referência, a começar pelo imediatamente clássico Panorama do Teatro Brasileiro, de 1962.

Por muitos anos, Sábado Magaldi atuou também como professor, não apenas na Universidade de São Paulo, onde chegou a titular da cadeira de Teatro Brasileiro, como nas universidades francesas de Paris e Aix-en-Provence. Intelectual cujo saber não se confinou a uma especialidade – não tivesse sido ele, na juventude belo-horizontina, integrante do fecundo e diversificado grupo literário Edifício, a que pertenceram, entre outros, o romancista Autran Dourado e o historiador Francisco Iglésias –, estava plenamente credenciado para ser, de 1974 a 1979, secretário de Cultura da cidade de São Paulo, o primeiro que teve a capital paulista.

Como crítico, atividade em que se lançou em 1950, no Diário Carioca, Sábado Magaldi publicou milhares de artigos, a maior parte deles nas páginas de O Estado de S. Paulo e do Jornal da Tarde. Produzido no varejo do jornalismo, esse tesouro permaneceria inacessível ao leitor não fosse a iniciativa da escritora Edla van Steen, casada com Sábado há 35 anos, de baixar aos arquivos e, assessorada pelo pesquisador José Eduardo Vendramini, de lá trazer material do qual resultaria a recém-lançada coletânea Amor ao Teatro, das Edições Sesc. Em 1.223 páginas, o volume reúne cerca de 800 artigos de crítica, selecionados entre os 2.000 que Sábado Magaldi publicou no Jornal da Tarde de janeiro de 1966 a julho de 1988.



Um mestre do teatro brasileiro

JOTA DANGELO

A encenação teatral, ao contrário de outras manifestações artísticas, como as artes plásticas ou a música, é fugaz, fugidia. Sua mais fundamental característica é a de ganhar vida somente quando acontece. Todo registro teatral soa falso: o fotográfico é estático; o cinematográfico é bidimensional, falta a profundidade que só o palco, ao vivo, confere à encenação teatral.

Esta, a encenação teatral, é única, no sentido de que nunca se repete, cada espetáculo ocorre nas condições daquele momento, seja no que se refere às interpretações dos atores e atrizes, seja em relação às reações do público presente, vário a cada nova apresentação. O quadro de um pintor ou a escultura de um escultor são permanentes, assim como a partitura musical de um compositor. Uma vez realizadas serão conservadas pela eternidade.

Acontece o mesmo com o cinema: o filme de Carlitos que vemos hoje, é o mesmo filme, interpretado por ele e filmado sob sua direção. O teatro só existe, de fato, ao vivo. Estas são as razões principais pelas quais a crítica teatral, analítica, sintética, embora impregnada de obrigatória parcela de subjetivismo, como toda crítica, ainda é o melhor registro de uma encenação teatral, pelo menos por ser escrita o mais próximo possível do que foi visto.

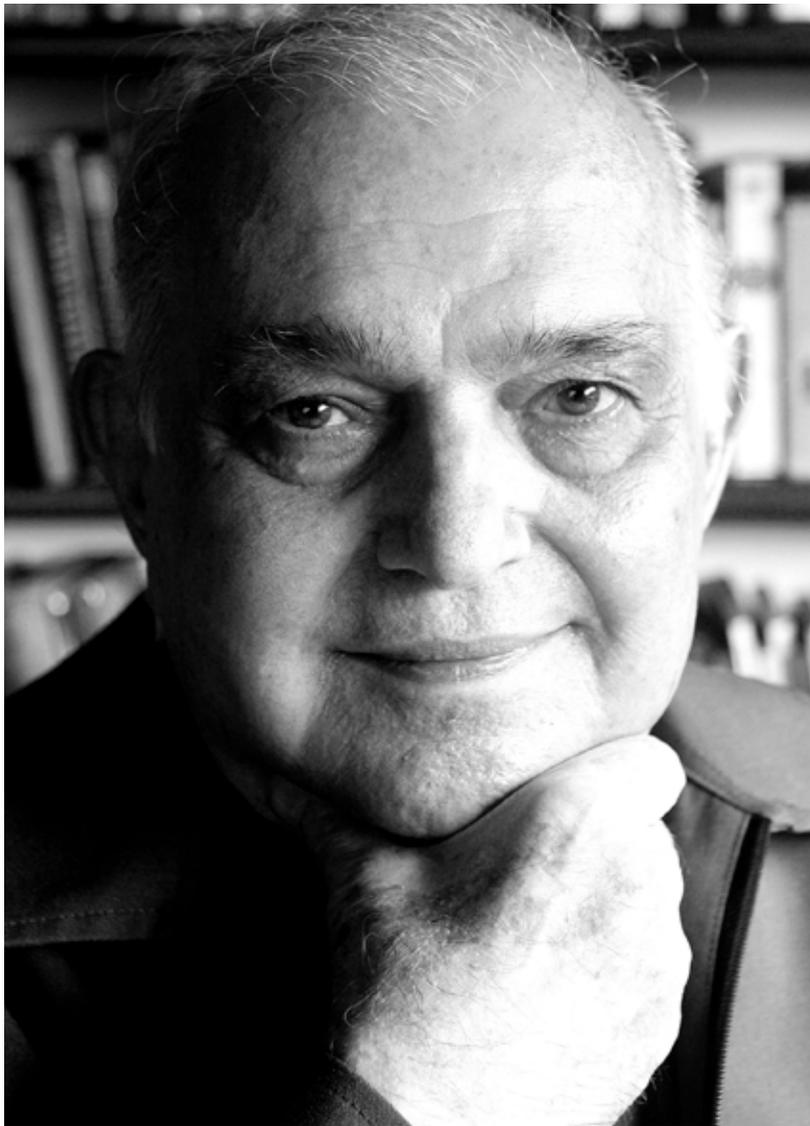
No tempo, eventuais distorções na avaliação do espetáculo teatral só podem ser minimizadas se as gerações futuras tiverem em mãos várias críticas para efeito de comparação. Em Minas, para dar um exemplo, durante muitos períodos, o registro de um espetáculo teatral na imprensa coube a apenas um crítico: no tempo, aquela opinião passou a ser a única verdade sobre o quê e como foi encenado. Deste modo, cresce enormemente a responsabilidade daqueles que se arvoram em ser críticos teatrais.

A minha geração teatral, exatamente por esta razão, guarda na memória, com todo respeito e admiração, a obra crítica, no Rio, de Paschoal Carlos Magno, Gustavo Dória, Henrique Oscar, Yan Michalski e Bárbara Heliadora; em São Paulo, de Décio de Almeida Prado, Clovis Garcia, Miroel Silveira, Paulo Mendonça, Ruggero Jacobbi e Alberto D'Aversa; e em Minas, de João Etienne Filho, Carlos Denis, João Marschner, Luiz Carlos Bernardes e Clara Arreguy.

Subtraí, dos críticos “paulistas” o mineiro Sábato Magaldi, nascido em Belo Horizonte em 9 de maio de 1927, por ser o inspirador deste texto, que certamente não fará jus às homenagens e louvações que ele merece. Estamos falando, e que isto fique bem claro, de um dos mais lúcidos comentaristas da cena brasileira. São corretíssimas as palavras do saudoso Alcione Araujo quando se referiu a Sábato Magaldi: “Além de modéstia e rigor, Sábato é de uma honestidade feroz. Com ele, amizade não induz à complacência. Embora atento e aberto às mudanças, constrói juízos consistentes e não barganha seus pontos de vista com modismos. Tem inabalável compromisso com o fim das injustiças no Brasil, mas não submete suas reflexões às estreitas bitolas ideológicas. Modéstia e rigor, considera que, historicamente, a crítica erra mais do que acerta”.

O exercício da crítica teatral foi apenas uma das atividades de Sábato Magaldi, iniciada em 1950 no Diário Carioca, no Rio de Janeiro. É para este jornal que envia colaboração da França,

enquanto lá permanece de 1952 a 1953, ano em que recebe o certificado de Estética da Sorbonne. Foi justamente em 1953 que, a convite de Alfredo Mesquita, Sábato transferiu-se para São Paulo, para lecionar História do Teatro na Escola de Arte Dramática (EAD), o mais importante educandário para a formação de atores do país naquele tempo, e que acabou incorporado à Escola de Comunicações e Artes (ECA) da



Universidade de São Paulo. Na mesma ocasião de sua transferência para a capital paulista, ingressou na redação de O Estado de S. Paulo (1953-1972). A partir de 1956, tornou-se o titular da coluna de teatro do Suplemento Literário do jornal.

Foi em 1961 que Sábado passou a ser um dos alvos preferidos da minha curiosidade. Na época, eu já era professor na Faculdade de Medicina da UFMG, e estava atento ao inquérito que havia sido aberto pelo Conselho Universitário, no ano anterior, sobre a gestão de Giustino Marzano à frente do Teatro Universitário (TU), cuja criação nos custara, a mim e aos companheiros Carlos Kroeber, Italo Mudado, João Marschner, Domingos Muchon e outros, um considerável esforço durante toda a década de 50.

O processo aberto pelo Conselho Universitário resultou na demissão do diretor italiano, e Sábado, titular docente da Escola de Arte Dramática de São Paulo, foi chamado para ser ouvido sobre quem deveria substituir Giustino Marzano como diretor do TU. A escolha acertada de Sábado Magaldi recaiu sobre Haydée Bittencourt, também vinculada à EAD, e que durante 25 anos colocou-se à frente do Teatro Universitário da UFMG, formando gerações de atores com reconhecida competência, disciplina e dedicação.

Entre 1962 e 1963, mantive com Sábado alguma correspondência. Eu estava, na ocasião, fazendo estágio de especialização em microscopia eletrônica na Universidade de Washington, em St. Louis, Missouri, e aproveitava o tempo livre para fazer o Curso de Drama da universidade e aprofundar-me na leitura dos dramaturgos norte-americanos. Dos Estados Unidos, enviei para Sábado um ensaio sobre a obra inicial de Edward Albee, que naquele começo dos anos 1960 era o grande sucesso mundial em artes cênicas, e que ele gentilmente o publicou no Suplemento Literário sob sua direção.

Em 1962, Sábado publicou o indispensável Panorama do Teatro Brasileiro, a primeira obra de referência sobre a evolução das artes cênicas no país, marco inicial de uma brilhante carreira de ensaísta e historiador que ganharia fôlego nos anos subsequentes até os dias atuais. Nesta rica bibliografia, merecem destaque Um palco brasileiro – O Arena de São Paulo (1984); O texto no Teatro (1989); Moderna Dramaturgia Brasileira (1998); Cem anos de teatro em São Paulo, escrito em parceria com Maria Thereza Vargas e publicado em 2001; Depois do espetáculo (2003); Teatro Sempre (2006); Teatro em foco (2008); e, recentemente, a coletânea de críticas teatrais pesquisadas, selecionadas e organizadas em um livro de 1.223 páginas por Edla Van Steen – companheira de Sábado nos últimos 35 anos – que recebeu o título apropriado de Amor ao Teatro, publicado pela Edições SESC, de São Paulo, em dezembro de 2014.

A atividade docente de Sábado ganhou amplitude com seu doutoramento na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1972, com uma tese sobre Oswald de Andrade, e em 1983, com sua Livre-Docência na Escola de Comunicações e Artes, defendendo a tese Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações. As duas teses foram objeto de publicações que se somam à relação bibliográfica registrada no parágrafo anterior: a primeira serviu de base para Teatro de ruptura: Oswald de Andrade, de 2004, e a segunda inspirou Teatro da obsessão:

Nelson Rodrigues, também de 2004. A carreira docente não ficou restrita ao território nacional. Nos anos letivos de 1985-87, Sábado lecionou, como professor associado, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Paris III (Sorbonne Nouvelle) e, nos anos letivos de 1989-91, também como professor associado, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Provence, em Aix-en-Provence, na França.

Quem tivesse somente privado da convivência de Sábado Magaldi jamais poderia imaginar sua multiplicidade funcional. Sábado irradiava uma tranquilidade postural e dialogal comovente. Ouvindo-o escandir conceitos e defender princípios democráticos ou estéticos de maneira tão tranquila, tão prudente, tão afável, ninguém poderia supor sua dinâmica funcional como jornalista, crítico teatral, teatrólogo, professor, ensaísta e historiador. E mais, como administrador público. Foi no Rio de Janeiro, em 1948 que chefiou o gabinete do Departamento de Assistência do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado, então dirigido por Cyro dos Anjos – justamente a quem sucedeu na Academia Brasileira de Letras, Cadeira 24, eleito em 8 de dezembro de 1994, tendo sido recebido naquela Casa em 25 de julho de 1995, pelo acadêmico Lêdo Ivo.

Em São Paulo, Sábado Magaldi foi o primeiro Secretário Municipal de Cultura, de abril de 1975 a julho de 1979, na administração Olavo Setúbal. E os cargos se sucederam em sequência: primeiro, representante do Serviço Nacional do Teatro (o extinto SNT) em São Paulo, na administração Edmundo Moniz; integrou a Comissão Municipal de Teatro e, várias vezes, da Comissão Estadual de Teatro, assim como o Conselho Federal de Cultura, de 1975 a 1985. Tanta atividade contrastava com a paciência com que Sábado sempre se dispôs a ouvir seus interlocutores, ou com a simplicidade, a tranquilidade, a peroração pausada com as quais emitia suas opiniões e convicções, no ambiente de um restaurante ou de um bar sem grandes requintes onde várias vezes nos reunimos, em Belo Horizonte, com ele e com Edla.

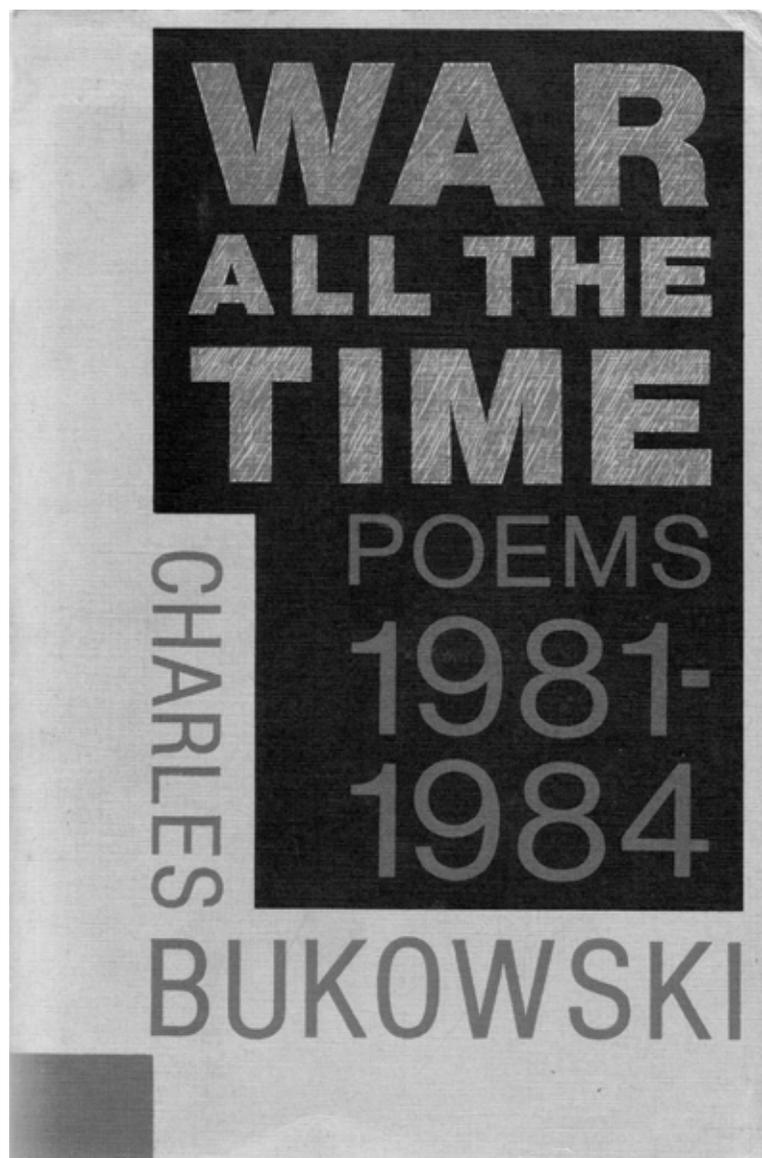
É possível dizer que Sábado Magaldi é o autor mais abrangente, mais convincente, mais minucioso e mais profundo da evolução do Teatro Brasileiro. Com Décio de Almeida Prado, forma uma dupla que percorreu uma trajetória de dedicação, entusiasmo, e trabalho incansável pelo aprimoramento e evolução da encenação teatral brasileira.

JOTA DANGELO

mineiro de São João del Rei, é diretor de teatro, ator, dramaturgo e gestor cultural.

BUKOWSKI POCKET POET

TRADUÇÃO DE A.A.MERCADOR



Alemão de nascimento – 1920, em Andernach, – Charles Bukowski era filho de militar americano que o levou para os Estados Unidos aos três anos de idade. Constantemente espancado pelo pai, Bukowski encontrou no álcool e nos livros o alento que precisava para continuar a viver. Aos 15 anos escreveu seus primeiros poemas mas levou 20 anos para publicar seu primeiro livro. Foi frentista, faxineiro, motorista de caminhão, carteiro e, mais que tudo, um errante, escrevendo e bebendo, bebendo e escrevendo.

Mais conhecido como contista e romancista, Bukowski fez a festa dos marginalizados da literatura com sua prosa rica em vinho, sexo e um prazer quase escatológico em vomitar, inclusive sobre algumas mulheres que acabara de foder.

Seus poemas são de um árido lirismo e uma espécie de “não estou nem ai pra você”. Anti-herói, anti-poeta, anti-intelectual, Bukowski trouxe para a literatura o mundo e a vida da sarjeta, dos bares sórdidos, dos bêbados destruídos pelo álcool, a fauna e a flora dos desesperançados, céticos e descrentes.

Um mundo novo, cáustico e cínico que levou a literatura norte-americana para além da geração perdida que cruzava as elegantes ruas de Paris dos anos 20 com F. Scott Fitzgerald, T. S. Elliot, Gertrude Stein, John dos Passos, Hemingway, vivendo e retratando os chiques, histriônicos, dançantes e desesperados anos da Primeira Guerra Mundial, como se não houvesse amanhã. Ou dos sonhadores beats dos anos 50, enfurnados em carros e sôtãos, fumando marijuana, experimentando mantras e revelações lisérgicas e jazz e rock’n’roll e o vale tudo da liberdade sexual.

Bukowski, como Henry Miller, é muito maior do que apenas um escritor pornográfico ou obsceno. Assim como Miller, Bukowski é um poeta e escritor que vale a pena ser lido.

Charles Bukowski morreu aos 73 anos, de leucemia, em Los Angeles. Os poemas aqui apresentados foram tirados do livro War All The Time - Poems 1981-1984, Editado pela Black Sparrow Press, 1984.

*all the women
all their kisses the
different ways they love and
talk and need.*

*their ears they all have
ears and
throats and dresses
and shoes and
automobiles and ex-
husbands.*

*mostly
the women are very
warm they remind me of
battered toast with butter
melted
in.*

*there is a look in the
eye: they have been
taken they have been
fooled. I don't quite know what to
do for
them.*

*I am
a fair cook a good
listener
but I never learned to
dance – I was busy
then with larger things.*

*but I've enjoyed their difference
beds
smoking cigarettes*

*staring at the ceiling. I was neither vicious nor
unfair. Only
a student.*

*I know they all have these
feet and barefoot they go across the floor as
I watch their bashful buttocks in the
dark. I know that they like me, some even
love me
but I love very
few.*

*some give me oranges and vitamin pills;
other talk quietly of
childhood and fathers and
landscapes; some are almost
crazy but none of them are without
meaning; some love
well, other not
so; the best at sex are not always the
best in other
ways; each has limits as I have
limits and we learn
each other
quickly.*

*all the women all the
women all the
bedrooms
the rugs the
photos the
curtains, it's
something like a church only
at times there's
laughter.*

*those ears those
arms those
elbows those eyes
looking, the fondness and
the wanting I have been
held I have been
held.*

todas as mulheres
todos seus beijos as
diferentes maneiras de amar
e falar e querer.

suas orelhas todas elas tem
orelhas e
pescoços e roupas
e sapatos e
automóveis e ex-
maridos

a maioria
das mulheres são muito
quentes e me lembram
torradas amanteigadas com
manteiga
derretida.

existe um sinal em seus
olhos: eles foram
surpreendidos eles foram
enganados. Não sei ao certo o que
fazer com
eles.

Eu cozinho
bem sou um bom
ouvinte
mas não aprendi a
dançar – estava ocupado
com coisas muito maiores

mas aproveitei bem as diferentes
camas
fumando cigarros

olhando para o teto. Não era nem perverso nem
desleal. Somente
um aprendiz

sei que todas tem pés
e andam descalças pelo assoalho
observo suas bundas tímidas no
escuro. Sei que gostam de mim, algumas até
me amam
mas eu sou de pouco
amor.

algumas me dão laranjas e vitaminas;
outras falam docemente
da infância e dos pais e
de paisagens; algumas são quase
loucas mas nenhuma delas é vazia
e insignificante; algumas sabem
amar; outras nem
tanto; as melhores no sexo não eram
as melhores em outras
coisas; todas tem limitações como eu
tenho e depressa aprendemos
um com
o outro.

todas as mulheres todas as
mulheres todos os
quartos
lençóis
fotos
cortinas, são
uma espécie de igreja onde
vez ou outra ouvimos
uma risada.

essas orelhas esses
braços esses
cotovelos esses olhos
que buscam, carícias e
desejos, por eles eu fui
conquistado por ele fui
conquistado.

HERE I AM

*Drunk at 3 a.m. at the bottom of my 2nd bottle
of wine, I have typed from a dozen to 15 pages of
poesy
an old man
maddened for the flesh of young girls in this
dwindling twilight
liver gone
kidney gone
pancreas pooped
top-floor blood pressure*

*while the fear of wasted years
laughs between my toes
no woman will live with me
no Florence Nightingale to watch
over me.*

*if I have a stroke I will lay here for six
days, my three cats hungrily ripping the flesh
from my legs, wrists, head*

the radio playing classical music.

*promised myself never to write old man poems
but this one's funny, you see, excusable, be-
cause there's
still more left
here at 3 a.m. and I am going to take this sheet from
the tipper
pour another glass and
insert another
make love to the fresh new whiteness*

*maybe get Lucky
again*

*first for
me
later
for you*

AQUI ESTOU

bêbado as 3 horas da madrugada no fundo da 2ª garrafa
de vinho, escrevi de doze a 15 páginas de
poesia
um velho
louco pela carne de umas jovencinhas neste
crepúsculo moribundo
o fígado já era
os rins também
o pâncreas inchado
a pressão lá no teto

enquanto o medo do tempo perdido
gargalha entre meus dedos
mulher alguma vai viver comigo
nem Florence Nightingale vai cuidar
de mim.

se eu tiver um enfarto vou ficar por aqui uns seis
dias, meus três gatos famintos dilacerando a carne
de minhas pernas, pulsos, cabeça

enquanto o rádio toca uma música clássica

prometi a mim mesmo nunca escrever poemas de velho
mas este aqui é engraçado e até desculpável, por
que ainda tenho
mais alguns
que vou deixar aqui às 3 da madrugada vou tirar o papel da máquina
de escrever e colocar outro
servir outra taça e
fazer amor com a nova e
fresca folha em branco.

talvez tenha sorte
outra vez

primeiro pra
mim
depois pra
você.



GOODBYE

goodbye Hemingway goodbye Celine (you died on the same day)
goodbye Saroyan goodbye good old Henry Miller goodbye Tennessee
Williams goodbye the dead dogs of the freeways goodbye all the love
thav never worked goodbye Ezra it's always sad it's
always sad when people give and then are taken I accept I
accept and I will give you my automobile and my cigarette
lighter and my silver drinking chalice and the roof that kept
out mosto f the rain goodbye Hemingway goodbye Celine goodbye
Saroyan goodbye old Henry Miller goodbye Camus goodbye Gorky
goodbye the tightrope walker falling from the wire as the
blank faces look u then down then away
be angry at the sun, said Jeffers, goodbye Jeffers, I can only
think that the death of good people and bad are equally sad
goodbye D .H. Lawrence goodbye the fox in my dream and
to the telephone
It's been more difficult than I ever expected
Goodbye Two Ton Tony goodbye Flying Circus
You did enough goodbye Tennessee you alcoholic speed-freak fag
I'm drinking an extra bottle of wine for you
tonight.

ADEUS

adeus Hemingway adeus Celine (vocês morreram no mesmo dia)
 adeus Saroyan adeus meu bom e velho Henry Miller adeus Tennessee
 William adeus cães mortos nas autoestradas adeus todos os amores
 que não deram certo adeus Ezra é triste é muito triste quando as
 pessoas dão e depois tiram eu aceito eu aceito vou te dar o meu carro
 e meu isqueiro e meu cálice prateado e o telhado que acumula quase
 toda a chuva adeus Hemingway adeus Celine adeus Saroyan adeus
 velho Henry Miller adeus Camus adeus Gorky adeus equilibrista da
 corda bamba que despenca do arame enquanto os rostos lívidos
 olham para cima para baixo e para o nada
 fique puto com o sol, disse Jeffers, adeus Jeffers, eu somente posso
 pensar que a morte de pessoas boas e más é igualmente triste adeus
 D.H.Lawrence adeus raposa dos meus sonhos adeus telefone
 está sendo mais difícil do que eu imaginava
 adeus pizza do Ton Tony adeus Circo Voador
 vocês já fizeram muito adeus Tennessee excêntrica bicha alcóolatra
 Bebo uma garrafa extra de vinho por vocês
 esta noite

A BEGINNING

when women stop carrying
mirrors with then
everyplace they go
maybe then
they can talk to me
about
liberation.

UM COMEÇO

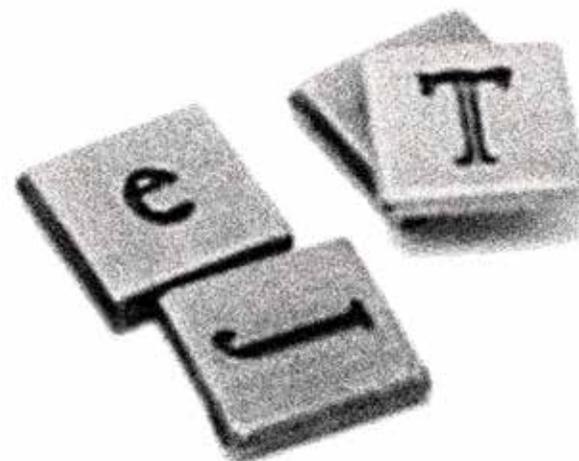
quando as mulheres pararem de
 carregar espelhos
 para todos os lugares
 talvez então
 possam falar comigo
 sobre
 libertação.

OH, YES

there are worse things than
being alone
but it often takes decades
to realize this
and most often
when you do
it's too late
and there's nothing worse
than
too late.

OH, SIM

há coisas piores do que
 estar sozinho
 mas normalmente leva décadas
 para se descobrir isso
 e normalmente quando
 isso acontece
 é tarde demais
 e não existe nada pior
 do que
 tarde demais.



A . A . MERCADOR

maranhense de São Luís, é poeta e tradutor.

TANIKAS

Bernardo Maranhão

as mãos miúdas
da mestra ceramista
toshiko ishii

as aves no terreiro
o forno terra adentro

**

o bebê e nós
pela primeira vez
seus pés no rio

as águas sempre as águas
nós outros sempre outros

**

a lua nasce
meu filho no meu colo
quer segurá-la

redonda, alaranjada
flutua no meu olho

uma pestana
ao pé do pé de jaca
alea jacta est

em sonho me perfume
com flores do vizinho

**

bolha de sabão
limpeza kamikaze
a conta-gotas

a patas bem lambidas
um gato te persegue

BERNARDO MARANHÃO

é mineiro de Belo Horizonte. Compositor, fez letras para músicas de Alexandre Andrés e André Mehmari.

Poemas de **Simone de Andrade Neves**

Os cinco poemas de Simone Andrade Neves surpreendem por diversas razões. Uma delas, talvez a mais essencial, é a beleza interiorana que deles emana e que se impõe de forma ao mesmo tempo delicada e trágica. A sensação é a de que tudo é muito recolhido, imerso em uma paisagem (não importa se mineira ou não) longínqua de nós, demasiado urbanos, e por isso mesmo tão necessitados dessas visitas imaginárias. Por esse fato, talvez não percebamos de imediato o lado mais dramático e tenso dessa poesia, absortos inicialmente apenas em sua leveza e elegância construtiva. Esses belos poemas anunciam uma voz marcante na “poesia feminina” contemporânea brasileira. Há neles uma verdade íntima, em que as palavras sugerem meditações recolhidas no silêncio.

Mário Alex Rosa

NOITE NA FAZENDA

Deixaram o brinquedo
quicar pelas tábuas
e sumir nas frestas.

A escuridão neutraliza
as cores primárias
do lúdico objeto
E sobre ele a desova das vassouras,
ressequidos insetos,
besouros.

As asas transparentes
desgarradas dos cupins
afofam a terra. Sim.
é inútil o singelo espelho oval.

No pesar de passos, tantos,
a madeira range e neva.

Uma lanterna dentre a fresta
apresenta o processo do abraço:
o pó expõe o meio sorriso
do soldadinho de chumbo.

DESFILE

O pelotão em marcha
atravessa pés de mulungus
e imprime no asfalto
uma chacina de flores.

ORAÇÃO DOS VENTOS

Expostas no varal
as asas dos patos
e dos gansos
hão de ser,
nos dias de maio,
motivos de anjos.

LATENTE

Borda do prato
Praia da ilha

Há devir
na ínsula
à deriva.

HAYER NO SENTIDO DO EXISTIR

Manhã e tarde
As gralhas-do-campo
ocupam os pés de goiaba
e as mangueiras.
Rotina mantida quando fruto não há
Território é conquista diária.

SIMONE DE ANDRADE NEVES

é mineira de Belo Horizonte. Publicou *O coração como engrenagem*,
edição da autora, 1994, e *Corpos em marcha* (Editora Scriptum, 2015).
